

VIVÊNCIAS DE UM APRENDIZ

A história completa



Francisco Ferreira (Mr. Smith)

Nova Edição – Abril de 2006

Ilustrações: Alex G. S

VIVÊNCIAS DE UM APRENDIZ

O livro conta a história completa da saga de um jovem que, após sofrer os revezes de uma grande metrópole, culminado por uma amarga desilusão amorosa, refugia-se na solidão das montanhas da serra do mar do Paraná em busca de um novo sentido para a sua existência. Lá aprende, junto a um velho eremita, valiosos segredos da natureza que mudarão drasticamente os rumos de sua vida. De uma maneira surpreendente, o jovem sintetiza todo esse aprendizado em uma pintura magnífica que lhe abre as portas de um novo mundo, onde ele realiza todos os seus sonhos mais grandiosos. Um Romance cheio de mistério que revela as grandes verdades da vida que estão veladas sob as coisas mais simples da natureza, prontas para serem decifradas por quem realmente estiver disposto a aprender. Nesta obra, encontramos um universo fantástico de verdades essenciais da vivência humana, apresentadas em

SITE DO AUTOR:

www.acasadoaprendiz.com

um enredo coerente, apaixonante e edificador, imprescindível a todos aqueles que buscam o autoconhecimento.

SITE DO AUTOR:
www.acasadoaprendiz.com

O AUTOR

O autor, Francisco Donizeti da Silva (M.R. Smith) nasceu em Nova Olímpia, uma pequena cidade do noroeste paranaense em 17/07/67 e estuda as leis universais que regem a vida humana, sem vínculos religiosos de quaisquer natureza, desde 1989. Fez diversos cursos sobre parapsicologia, neurolingüística, autoconhecimento e poder da mente em Maringá, Umuarama e Toledo. Publicou três livros sobre esses temas: "A Magia do Poder Mental (1994)"; "Manual do Autoconhecimento (1997)" e "Como Utilizar o seu Infinito Poder Criador" (1998), distribuídos nas regiões norte e noroeste do Paraná pela Livraria e Distribuidora Bom Livro de Maringá. Seu último livro (Como Utilizar o seu Infinito Poder Criador), foi adotado por uma psicóloga de Maringá em 2.000 como leitura auxiliar no tratamento de seus pacientes. Vivências de um Aprendiz; seu primeiro livro de ficção, inaugura uma nova fase em sua ideologia de vida, mais madura e realista.

Este livro está devidamente registrado no Escritório de Direitos Autorais da Fundação Biblioteca Nacional sob o

SITE DO AUTOR:
www.acasadoaprendiz.com

número 278.171, Livro: 501, Folha: 331, datado de 17 de janeiro de 2003, com todos os direitos autorais reservados.

SITE DO AUTOR:
www.acasadoaprendiz.com

Parte I

O aprendiz estava sentado à cabeceira de sua cama, na velha pensão onde morava desde que chegou a Curitiba, olhando para um quadro pendurado na parede, que havia pintado há alguns dias com o intuito de expressar o resultado de um aprendizado que inconscientemente vinha buscando para sua vida desde a adolescência. E que encontrou de uma maneira estranha e inesperada no meio de uma floresta na serra do mar paranaense. O objetivo inicial quando da pintura era apenas de enfeitar o seu quarto, ao mesmo tempo em que seria uma lembrança viva, sempre pronta a reativar o conhecimento espiritual adquirido nas últimas semanas, conhecimento que mudaria para sempre todo o rumo de sua vida, muito além de suas melhores expectativas.

Na realidade, o quadro tinha um valor inestimável para ele. Entretanto; isso era uma coisa pessoal, já que o mesmo simbolizava a maior conquista a que um ser humano possa almejar: a felicidade pessoal. Para as demais pessoas poderia não valer mais que alguns míseros reais, para outros

nada. No entanto; era fato consumado que agora ele olhava para o seu quadro pela última vez. Aquele desconhecido misterioso o havia convencido a dispor-se do mesmo. Envolto nesses pensamentos, com os olhos fixos no quadro, sua imaginação voou ao passado para o tempo em que buscava a felicidade constantemente no mundo sem nunca tê-la encontrado, pois ninguém o havia ensinado que a felicidade devia ser buscada e encontrada dentro de si mesmo. Só agora ele compreendia que independente das condições externas a que um homem possa ser submetido, ele pode encontrar a felicidade e a alegria de viver. Quem encontra dentro de si a felicidade que vem do alto, pode viver em plenitude, mesmo que esteja exteriormente trancafiado nas grades de uma prisão, numa favela, no meio de uma floresta ou num hotel cinco estrelas. É difícil ao homem mediano chegar a essa conclusão. Mas agora ele compreendia isso e sabia que essa compreensão por outro lado não suprimia seus sonhos de evolução; de voar cada vez mais alto. Embora agora compreendesse que isso poderia ser buscado de uma maneira mais serena e tranqüila. Não se pode apressar os desígnios de Deus - pensava. Envolvido por estas lembranças, sua mente foi trazendo de volta todas as experiências vividas nos últimos anos...

Tudo começou há mais ou menos três anos atrás, quando já imbuído de um sonho antigo de vencer na vida, resolveu partir da pequenina cidade de Nova Olímpia, no noroeste do Paraná, onde nasceu e viveu sua infância, carregando um sonho de vencer na cidade grande. A tristeza que levou consigo ao deixar para trás os parentes e amigos mais íntimos seria um espinho que ele carregaria na alma por muito tempo. No entanto, sabia que esse era o preço que todos os homens têm de pagar quando são chamados por suas aspirações e ambições, a realizar coisas mais grandiosas e alçar vôos maiores, longe do confortável e seguro ninho que é o seio da família. Ele sabia que não tinha o privilégio de ser como as árvores que, sem nunca sair do lugar, conseguem cumprir a sua missão na Grande Obra da Criação. Entendia que o homem ao contrário, tem de vagar de um lado para outro para traçar o seu destino, representando, como um ator numa peça de ficção, muitas vezes por linhas tortuosas, o destino que a Mão Sagrada escreveu. Agora sabia que todos nós somos intérpretes de Deus. Aos poucos, vamos percorrendo o livro da vida, página por página. Não

nos é permitido, como num livro, viver os episódios em seqüências diversas. No livro da vida, temos que gravar a cada dia sua história, com suas surpresas e seus dissabores. Para o Criador do livro da vida, nosso destino pode já estar todo escrito, com suas linhas, vírgulas e, cujo ponto final é Ele próprio. Para nós, os aprendizes, nada está escrito. Somos criadores do nosso destino, os continuadores da criação de Deus. Esse é o nosso grande objetivo; continuar a Grande Obra.

Só agora Carlos compreendia tudo isso e muito mais. Ainda era um aprendiz, como todos os homens o são, desde o mais ignorante até o mais sábio de todos. A diferença era que agora estava apto a evoluir pelo caminho que todos os homens inevitavelmente têm de percorrer, às vezes ainda aqui neste mundo, bem como em outras dimensões da vida, nas muitas moradas que habitaremos na grande casa de Deus: o caminho da evolução espiritual.

Durante os dois primeiros anos de aprendizado nos caminhos tortuosos da cidade grande, Carlos encontrou muitos inimigos que constantemente o desviavam do rumo que ele desejava percorrer para a realização dos seus sonhos. O convívio com almas de todas as espécies, que

passavam por aquela velha pensão, muitas vezes o fizeram fraquejar. Por lá passava gente boa, mas a grande maioria, tratava-se de pessoas desajustadas na vida. Seres solitários que, em busca de um destino melhor acabavam destruídos pelo álcool, pelas drogas e outros vícios como o desânimo e a desilusão que são, como aqueles, igualmente destrutivos. Muitas vezes pensou em sair daquela pensão, pois poderia acabar como um daqueles nômades que por ali passavam deixando apenas lembranças de cenas tristes e melancólicas. Melancolia esta que já parecia incutida nas paredes do lugar. Parecia contagiar até mesmo os mais entusiasmados novos inquilinos em pouco tempo. Muito embora o lugar parecesse inóspito, Carlos era uma pessoa que não gostava de viver mudando de um lugar para outro. Além disso, com os poucos recursos que recebia nos empregos que arrumava, não conseguiria um lugar muito melhor que aquele na capital. Assim foi ficando, acomodado naquela velha pensão nos últimos anos. As únicas mudanças que ele fez neste tempo foram algumas trocas de emprego, pois nunca estava contente com o mísero salário que as empresas pagavam pela dura labuta diária para cumprir as metas terríveis estabelecidas nas linhas de produção.

Depois de muitas tentativas durante quase dois anos em Curitiba, o rapaz resolveu esquecer a idéia de trabalhar nas empresas com a esperança de progredir na hierarquia da cadeia produtiva. Percebeu que as chances eram mínimas. Pensou então em abandonar aquela vida solitária, voltar para sua cidadezinha e levar a vida como Deus quer. Não sentiria vergonha em voltar depois de uma tentativa frustrada. Pelo menos ele havia tentado, quando a maioria das pessoas, temendo as incertezas do caminho, preferiam permanecer sugando a energia e os bens de seus pais, até muito depois do tempo estabelecido pela natureza do ser humano. Era isso que não o conformava. Seus pais já haviam feito a sua parte. Cuidaram dele até quando ele necessitava de cuidados especiais. Dali em diante, achava que todo homem deveria alçar vôos rumo ao seu destino. Foi assim que seu pai o havia ensinado. E ensinado da forma mais correta: através do exemplo.

Seu pai, embora filho de um comerciante abastado da capital paulista, não pensou duas vezes quando teve vontade de buscar o seu caminho. Viajou rumo ao desconhecido junto a diversos outros emigrantes que vieram colonizar o Norte do Paraná. É claro que o aprendiz sabia que o pai não havia conquistado muita coisa, mas tinha ousado

SITE DO AUTOR:

www.acasadoaprendiz.com

sonhar e seguir seus sonhos. Por causa desse exemplo do pai, ainda teimava em tentar algum futuro na capital. Tinha o sonho de se formar em Administração de Empresas, além de muitos outros que não podiam ser concretizados, dentro das possibilidades do pai, bem como da localização de sua terra, longe de qualquer Faculdade ou Universidade.

Naquele dia, Carlos - esse era o nome do aprendiz - pela primeira vez na vida, resolveu contar essa história para a dona Tereza, proprietária do pensionato, para justificar o súbito desejo de voltar à casa dos pais.

- Carlos; você é o inquilino mais honesto, correto e comportado que já passou pela minha pensão. Não quero que vá embora daqui. Por essas e outras vou fazer alguma coisa por ti. Nunca mais vou achar um bom pagador como você - brincou ela.

- O que a senhora quer dizer?

- Sou amiga de um pequeno empresário, dono de um supermercado no centro da cidade e vou pedir para ele arrumar um emprego para você. Você me disse que trabalhava no caixa do mercadinho de seu pai, não é?

- Sim, respondeu Carlos - mas um supermercado de grande porte é muito diferente da mercearia Santa Clara de meu pai.

- Ora; Seu Jonas, dono do Supermercado Bom Preço, não precisa saber dos detalhes. Basta saber que você já trabalhou como caixa e que é um bom moço.

* * *

E assim, uma semana depois, o aprendiz estava empregado como caixa do Supermercado Bom Preço. O salário não diferenciava daqueles pagos pelas empresas em que ele trabalhou. Entretanto, era um trabalho mais apropriado a ele pelo fato de já estar acostumado com a rotina do trabalho de balcão. Sem dúvida o trabalho no supermercado era muito melhor do que as linhas de produção das grandes empresas.

Depois que arrumou esse emprego, Carlos tinha mais ânimo para sair à noite, coisa que quase não fazia antes porque chegava do trabalho exaurido e só queria cama. O único problema era que a noite na cidade grande o assustava. Era perigoso até se divertir. Era o perigo dos trombadinhas, da violência gratuita, tão comum nas grandes cidades; o perigo das drogas, sempre a espreita para tentar uma brecha na sua vida. Apesar de tudo, nunca se deixou levar pelos caminhos do mal. Seu pai o havia ensinado. O velho falava pouco, pois era de muito pouca conversa; mas sabia transmitir de forma profunda e incutir na alma do filho os bons ensinamentos, porque o ensinava da forma mais correta: através do exemplo.

Isso ele nunca ia esquecer. Dessa forma, saía na noite curitibana, sem se deixar cair por suas armadilhas cruéis.

Numa dessas noitadas em uma danceteria do centro da cidade, Carlos conheceu uma garota que balançou seu coração. Era a primeira por quem ele havia se apaixonado de verdade na cidade grande. E, a paixão foi recíproca. Naquela noite, os dois se divertiram e se confidenciaram apaixonados um pelo outro. Depois disso, passaram a se encontrar freqüentemente, cada vez mais apaixonados. Carlos confidenciou toda a sua história e em pouco Patrícia já conhecia toda a sua vida e ele a dela.

Foi aí que surgiu o primeiro conflito na vida amorosa dos dois. Patrícia era filha de um rico empresário da cidade e sempre andava cercada de seguranças. E o que é pior; de pretendentes ricos. Muito embora ela não desse confiança a nenhum dos rapazes que viviam pajeando-a, visto que estava apaixonada por Carlos, começaram a surgir os conflitos na cabeça do rapaz.

- Ela é rica, eu sou um pobre coitado, sozinho no mundo. Isso nunca vai dar certo. Eu a amo e ela também diz que me ama. Muito embora, por muitas vezes ela não tivesse coragem de contar às suas amigas que nos interpelavam

sobre a minha origem humilde e o meu trabalho - pensava ele angustiado.

Essa situação ficou insuportável quando Patrícia deliberadamente pediu a Carlos para mentir, fingindo-se de filho de algum cidadão famoso e rico perante seus amigos. Foi a gota d'água. A formação moral do rapaz não o permitia viver naquela farsa.

- Conviver com alguém que se envergonha de mim diante dos outros: jamais - pensava.

Diante disso, Carlos resolveu dar um basta na relação dos dois. O que ele não sabia era que isso não seria tão fácil como abandonar um emprego ruim. Ambos sofreriam muito, porque apesar das circunstâncias da vida, o amor não está sujeito à razão. Assim viveram os dois por um período de idas e vindas; de fins e recomeços de uma história de amor cheia de conflitos pessoais. Mas apesar de tudo os dois ainda permaneciam apaixonados um pelo outro.

Nesse ínterim, por força de tais circunstâncias, começou a germinar na cabeça de Carlos uma obsessão pela riqueza. Freqüentava os lugares mais ricos e badalados da cidade, na maioria das vezes bancados com o dinheiro de Patrícia. E era isso que mais o incomodava. Aceitava a

situação porque só assim poderia permanecer perto da menina. Por outro lado sentia-se ferido no ego. Desejava a todo custo subir na vida, progredir rapidamente, para que pudesse estar a altura de sua amada. Na sua obsessão, não percebia que seus sonhos de sucesso e riqueza o estavam afastando de todas as suas boas virtudes e ele estava, em curto espaço de tempo, tornando-se uma outra pessoa.

As mudanças na personalidade de Carlos foram percebidas logo, tanto por dona Tereza como pelo Seu Jonas, visto que até esse já havia se afeiçoado pelo rapaz, que sempre se mostrava uma pessoa diligente, prestativa e eficaz no trabalho que desempenhava no supermercado. Muito embora o dono do supermercado percebesse uma mudança estranha no comportamento do rapaz, não comentou nada, pois não se sentia íntimo dele o suficiente para interpelá-lo sobre suas atitudes. Dona Tereza, pelo contrário sempre o interrogava, querendo saber o motivo de tão brusca mudança.

- Carlos, durante esse tempo de sua estada na pensão já me sinto meio que sua mãe. Me diga por favor, o que o aflige? Acaso você está envolvido com alguma coisa errada? - perguntou a mulher.

- O que a senhora quer insinuar dona Tereza? Acha que virei um marginal só porque saio de noite e volto tarde? A senhora está muito enganada!

- Isso não meu filho, mas temo que alguém possa tê-lo envolvido com alguma coisa ruim.

- O que, por exemplo?

- Drogas, por exemplo! Está se drogando meu filho?

- Claro que não! A senhora deve estar louca.

- Tomara que você esteja sendo sincero meu filho porque eu muito lhe estimo e não quero vê-lo numa pior.

- Pode ficar tranqüila dona Tereza, não entro mais nessa roubada. Já passei da idade pra isso.

Falando isso, retirou-se rapidamente da cozinha da pensão em direção ao seu quarto.

- Puxa vida! Será que estou agindo de forma tão diferente para chamar tanto a atenção. Preciso tomar mais cuidado pra não magoar as pessoas que me tem estima - pensou.

Por ironia do destino, quem mais sentiu a mudança de comportamento em Carlos foi Patrícia. Ele não era mais aquele por quem ela havia se apaixonado.

Na verdade, muito diferente de Carlos, Patrícia era uma menina mais vivida da cidade grande, cheia de histórias para contar, de vivências diversas. Sua vida era permeada por festas de muito glamour, viagens por todos os lugares bonitos; enfim, todas as coisas que o dinheiro podia comprar.

Entretanto, aquela vida de futilidades sem objetivo mais profundo, carecia de um novo sentido. Tudo o que se aprende, tudo o que se vê, tudo o que se conhece, se não tiver um objetivo prático, perde o sentido tornando-se fútil. O homem tem necessidade de se expressar-se. Se um homem vive uma vida desprovida de um sentido de utilidade, começa a sentir-se vazio. Era assim que Patrícia estava se sentindo. Antes conhecer Carlos, sua vida que, de fora parecia um conto de fadas, cheia de glamour, badalações e viagens, na verdade não a fazia mais feliz. E ninguém havia ensinado a felicidade das coisas simples. Quando conheceu Carlos; o que despertou interesse nela, foi justamente sua simplicidade, sua naturalidade e, principalmente a sua espontaneidade. Estas qualidades ela não havia encontrado em nenhum outro jovem

de sua classe social, justamente pelo fato de os mesmos estarem ofuscados pelo brilho falso do glamour e do status. Aquele rapaz do interior simbolizava toda simplicidade que ela, inconscientemente procurava há tempos. No entanto, Carlos agora estava estranho, não havia mais nele aquele brilho invisível que todos logo percebiam com os olhos interiores quando olhavam para ele, e o admiravam.

Diante dessas mudanças em sua personalidade e dos problemas antigos, a chama da paixão foi se apagando para Patrícia, que aos poucos foi se afastando do rapaz. Como não tinha mais ninguém que pudesse oferecer a ela um sentido mais verdadeiro, foi se deixando levar pelos velhos hábitos de outrora. Foi enturmado-se novamente com os velhos amigos, buscando a diversão e a felicidade que o dinheiro podia comprar. Era tudo o que ela tinha ao alcance. Foi esquecendo-se aos poucos dos valores elevados que buscava para sua vida, pois já não tinha ninguém mais em seu mundo para que ela se espelhasse. Carlos, seu espelho, havia se quebrado. Mostrou um mundo diferente a ela, mas agora nem ele mesmo pertencia ao mundo no qual que ela o conheceu. Era mais uma ilusão para o seu mundo de ilusões... e desilusões. Sendo assim, melhor seria voltar às

antigas fantasias artificiais. Resolveu dar um basta no namoro com Carlos, afastando-se definitivamente.

Deu-se início a uma obsessão desenfreada de Carlos pela reconquista de Patrícia. E, diante desta obsessão, a menina afastava-se dele cada vez mais. Ela já não mais o admirava porque ele havia mudado demais nos últimos meses e agora já o odiava porque ele não a deixava viver em paz. Vivia perseguindo-a em todos os lugares em que ela freqüentava e não admitia vê-la com outros namorados. O rapaz estava transtornado. Nem ao menos imaginava que o maior responsável por aquele abismo criado entre os dois era ele mesmo. E que tudo começou quando ele quis transformar-se em algo que não era.

Nos dois meses seguintes Carlos fez tudo o que imaginava ser possível para reconquistar Patrícia. Chegou ao cúmulo de procurar um desses homens, que se anunciam nos jornais, se dizem magos e que são capazes de desfazer maus feitos, arrumar caminhos, trazer de volta amores perdidos. Tudo em vão. As coisas iam de mal a pior. Mas ele continuava tentando de tudo. Continuava freqüentando círculos de pessoas envolvidas com esses tipos de procedimento. Conheceu um cidadão que disse que o levaria a um feiticeiro

capaz de reatar qualquer relacionamento. Na noite marcada foram os dois para o lugar onde morava o bruxo. Vendo os procedimentos do homem e as exigências necessárias à concretização do feito, ficou assustado com tudo aquilo e resolveu cair fora daquele mundo sombrio.

Nessa noite chegou tão assustado na pensão que dona Tereza percebeu a excitação em que o rapaz se encontrava. Perguntou se ele havia sido vítima de um assalto. O aprendiz disse apenas um não mal respondido e entrou para o quarto assustado com o que acabara de ver.

Naquele dia, Carlos acordou disposto a por um fim em tudo aquilo. Iria pedir as contas ao Seu Jonas, fazer as malas e voltar para sua terra. Levantou-se bem mais cedo que de costume. Queria conversar com o dono do supermercado de antemão. Afinal, o homem era tão bom com ele, merecia uma explicação.

Às sete da manhã já estava no escritório do supermercado que ficava nos fundos do prédio. Sabia que Seu Jonas chegava bem cedo ao serviço. Chegou sério e de supetão adentrou ao escritório do patrão.

- Com licença seu Jonas, gostaria de conversar alguns minutos com o senhor.

- Pois não meu bom garoto, que novidades o trazem tão cedo ao serviço?

O rapaz contou brevemente o seu objetivo, bem como os motivos que o levaram a desistir de tudo e voltar à sua terra.

- Bem meu rapaz, sua cabeça é seu guia. Mas vou lembrar-lhe que os amores da juventude vêm e passam. Você não pode jogar tudo pro alto só porque um namoro não deu certo. Você não é mais criança. Embora nunca tenha lhe perguntado, vasculhei na sua ficha funcional e descobri que já tem vinte e um anos meu rapaz. Além do mais, posso lhe garantir que daqui a algum tempo você já nem se lembra mais dessa guria.

- Não é bem assim seu Jonas...

- Pode crer! Vamos! – exclamou o homem - vá tomar um café na cozinha e prepare-se para encarar mais um dia. O trabalho é o melhor remédio para apagar os males da mente e também do coração meu amigo.

O rapaz ficou sério e depois de meditar por alguns segundos concluiu:

- Mas não é só por isso seu Jonas. Tudo deu errado para mim. Vim para a cidade grande com o objetivo de crescer, evoluir. E, ao contrário, não evoluí em nada, ou quase nada. Continuo trabalhando no balcão de um supermercado como nos tempos antigos, a única diferença é que agora tenho outro patrão que não é meu pai, mas continuo sem perspectivas de progresso mais ambicioso para a vida.

SITE DO AUTOR:

www.acasadoaprendiz.com

- É meu filho. Aqui no supermercado você não terá grandes chances de progresso. Muito embora com todos os percalços por que você passou nestes últimos tempos, já devia ter aprendido que o progresso pessoal é uma coisa que só acontece no momento em que você encontra a oportunidade e o momento certo. Muitos passam a vida inteira perseguindo tal intento e assim perdem a oportunidade de realizarem o verdadeiro progresso a que todos nós estamos predestinados por Deus. Não estamos aqui para evoluir apenas materialmente. Estamos aqui para evoluir em todos os sentidos: física, mental e espiritualmente. A evolução desse todo, seria a máxima realização da vida humana. Pouquíssimas pessoas atingem esse objetivo nesta vida. Entretanto a evolução espiritual deve ser sempre colocada em primeiro plano, visto que os demais são transitórios. Só o espírito é eterno. Desenvolver a espiritualidade é o objetivo maior da vida. Os demais campos do desenvolvimento humano devem ser sempre colocados em segundo plano.

Carlos começou a pronunciar alguma coisa mas foi interrompido pelo patrão:

- Por favor Carlos ouça primeiro tudo o que tenho a lhe dizer, só depois faremos o acerto de suas contas se você o desejar, tudo bem!

- Está certo Sr. Jonas.

- Meu jovem; se estou dizendo tudo isso é porque tenho muita estima e consideração por você e tenho notado que ultimamente você anda tumultuado em sua vida. Por tudo isso, antes que você decida tomar uma atitude impensada, vou contar-lhe um pouco da minha história que nesse ponto da decepção amorosa, tem um pouco a ver com a sua. Espero que a minha experiência sirva de exemplo para que você não tenha que passar pelos mesmos transtornos que passei. Muito embora quero que saiba que amor e paixão são duas coisas diferentes e, pelo visto você ainda não conhece a diferença. Mas, vamos aos fatos.

"Tudo aconteceu quando eu tinha vinte e seis anos de idade. Estava namorando uma mulher há dois anos e resolvemos nos casar. Diferentemente de sua história, nós nos dávamos muito bem e tudo se encaminhava para uma vida plena e feliz. Se era paixão, aquilo já havia se transformado em um amor verdadeiro. Em pouco tempo nos casamos. Vivíamos em uma relativa harmonia visto que eu

vinha de uma família de posses e todo o resto se completava por nós. Não tínhamos muitos problemas. Foi quando de repente, por uma ironia do destino, justamente quando preparávamos para ter o nosso primeiro filho, Rosália - esse era seu nome - foi acometida por uma doença cruel e incurável que em um ano e meio ceifou-lhe a vida.

Nos dois anos que se seguiram, minha vida se tornou um martírio. Fui entrando em uma depressão terrível que me levou a um tratamento psiquiátrico duradouro. Como se não bastasse, nesse ínterim perdi a minha mãe, ficando praticamente sozinho no mundo, visto que minhas duas irmãs já haviam se casado e moravam em lugares longínquos que nos afastaram definitivamente.

Diante do ocorrido fizemos a divisão dos bens que meu pai e minha mãe, com seu trabalho duro e persistente na lavoura havia conseguido. Uma pequena fazenda lá pelas bandas de Cascavel, no sudoeste do Paraná.

Era uma quantia razoável de dinheiro que deixaria nós três em bom estado financeiro. Minhas irmãs conseguiram fazer um bom proveito da herança. Uma comprou alguns imóveis em uma cidade do interior de São Paulo e a outra já mais fixada em agricultura, comprou uma bela porção de

terras em Mato Grosso do Sul. O único que desperdiçou em pouco tempo o sacrifício de uma vida inteira de meu velho pai e minha mãe fui eu.

Devido ao fato de todos esses transtornos ocorridos precocemente em minha vida eu já não era o mesmo de antes. Entreguei-me então, por uma fraqueza de espírito a uma vida desregrada. Nada mais fazia sentido para mim. Não admitia ter perdido a pessoa que amava tão rapidamente. Julgava-me um azarado e injustiçado. Desliguei-me das coisas de Deus e cheguei ao ponto duvidar de sua existência. Entreguei-me ao vício da bebida e da prostituição. Assim em pouco tempo destruí toda a minha parte na herança. Quando dei por mim estava sem nada. Chegou um dia em que eu estava já no fundo do poço, encurralado pelo vício do álcool. Ninguém já não me confiava emprego. Desesperado e envergonhado de tudo o que havia feito, resolvi sair pelo mundo, sem destino. E, passei a viver pelos albergues ou marquises das ruas; de cidade em cidade.

Certa ocasião, para arrumar alguns trocados para o vício e o pão de cada dia, fui para o litoral do Estado. Estabeleci-me em Guaratuba. Era alta temporada para o turismo e eu faturava alguns trocados vendendo refrigerante e

cerveja na praia. Meus únicos bens materiais nessa época eram; uma mala velha com algumas peças de roupas sujas e uma caixa térmica de isopor. Olhava para aquilo e lembrava de todos os bens que eu havia jogado pelos ares, pelo simples fato de ter sido um fraco, incapaz de encarar as adversidades da vida. Quantos passaram pelos mesmos tormentos que passei e permaneceram de pé. Sentia-me um fracassado e sabia que tudo o que fiz de errado em nada havia me ajudado.

Nesse trabalho de vendedor de praia, arrumei um companheiro, também alcoólatra. Fora o vício era um cara legal. Trabalhávamos juntos e à noite íamos para um pensionato, onde alugamos um quarto em conjunto. Conversávamos muito sobre as nossas tragédias e essa amizade até elevou um pouco nossa estima a tal ponto que ficamos um mês e meio sem tomar nada de álcool. Mas sabíamos que bastava o primeiro gole.

A fraqueza veio novamente no fim de uma semana ruim para o nosso negócio, quando não conseguimos vender nada devido a um tempo chuvoso que afastou as pessoas da praia por diversos dias seguidos. E, o pior. Não tínhamos o dinheiro para pagar a pensão. E, como não éramos de

confiança para a dona do lugar, sabíamos que não seríamos perdoados. Teríamos que pagar ou a velha chamaria a polícia. Nesse momento, resolvemos encher a cara para anestesiar nossa dor e angústia interior, consumindo toda a bebida que não havíamos vendido. Depois do porre, totalmente embriagados, desaparecemos estrada afora na esperança de ir para outra praia e, principalmente fugir da velha.

* * *

Adormeci em um canto qualquer da mata e só acordei na manhã seguinte quando o sol já se despontava alto no horizonte. Só aí me dei conta de que havia perdido meu companheiro. Não sei se ele havia se perdido devido à embriaguez ou se realmente fugiu de minha companhia pesada e triste. A partir daí, sem destino, vaguei três dias seguidos, ora nas estradas pegando carona, ora pelo meio da floresta, onde muitas vezes buscava o repouso noturno. Foi assim que na manhã do quarto dia de andança e desespero aconteceu um encontro que mudou toda minha vida. Estava andando nas proximidades da cidade de Morretes olhando as belezas da serra do mar, quando resolvi entrar mata adentro sem rumo em busca de algo que nem eu mesmo sabia o que era. Cerca de meia hora depois, avistei uma casinha incrustada na base de uma montanha. Resolvi ir até lá para pedir um prato de comida. Foi aí que encontrei de novo a luz brilhando no fim do túnel. Aquele ser estava ali, predestinado por Deus para por um fim no meu caminho sombrio e cheio de trevas. Era a mão de Deus agindo por seus caminhos mágicos e desconhecidos. Pedi um gole de água e de quebra um prato

de comida. Travamos uma breve conversa informal, quando notei que aquele senhor demonstrava interesse por mim.

- Você parece uma pessoa bem instruída para um mendigo, meu jovem! Disse-me ele.

- Por que pensa assim? - indaguei.

- Pelo seu modo de falar, nota-se que é uma pessoa que tem uma certa cultura – disse o homem.

Nesse tom de informalidade fui aos poucos me abrindo e contando-lhe toda a minha história. Ele também acabou me contando uma pequena parte da sua. Digo isso porque sua história de vida foi contada somente depois de termos adquirido confiança mútua, pois ele fazia e faz questão de manter ocultas as suas origens, visto que fora um personagem muito conhecido da elite curitibana em um passado distante e não gostaria de chamar a atenção pelo fato.

Carlos ouvia atentamente seu Jonas sem fazer questionamentos. Era de sua índole não interromper os outros quando falavam.

- Seu nome era José – continuou o outro. Tinha mais ou menos uns cinqüenta e poucos anos e me disse que

vivia ali isolado da civilização, como um ermitão há pouco mais de dois anos. Foi o lugar onde ele finalmente disse ter encontrado o seu verdadeiro destino e também a sua paz interior. Diante de meu estado precário, me propôs hospitalidade em sua casa por um período de tempo em que achasse conveniente. Nesse ínterim, se eu desejasse, ele passaria o seu aprendizado dos últimos dois anos de solidão, que tanto o ajudaram. Como eu não tinha nada a perder, aceitei o convite. Embora o achasse um sujeito meio esquisito e não ter mais afinidades com coisas místicas, resolvi ficar uns tempos com ele. Pelo menos teria uma casa e comida por alguns dias.

Acabei ficando mais de seis meses na solidão daquelas montanhas. Poucas vezes íamos à cidade somente em busca de mantimentos. Foram seis meses sagrados para mim. Esses meses significaram a salvação de minha vida... Talvez; a salvação de minha alma. Saí de lá um novo homem, espiritualizado pelos ensinamentos, não do mestre José; que é um mero observador e comunicador das coisas de Deus. O nosso mestre foi a natureza, uma coisa tão original e simples que está ao alcance de todos; como todas as coisas que são verdadeiramente de Deus.

- Puxa! Nem imaginaria que um homem bem sucedido como o senhor já passou por tudo isso – disse Carlos; pela primeira vez interrompendo seu interlocutor.

- Pois é meu filho. A vida é cheia de idas e voltas. De fins e recomeços. Ascensões e quedas.

- E o que aconteceu depois disso para que o senhor em pouco tempo conseguisse se reerguer?

- Um dia, com mais tempo, contar-lhe-ei como vi chover bênçãos dos céus a partir do momento em que passei a trabalhar para o Grande Patrão. Agora o que interessa é como posso ajudá-lo. Sei que não posso dar conselhos porque cada um aprende mais com vivências que com palavras. E creio que se você for receptivo aos ensinamentos da floresta irá aprender muitas coisas novas.

- Então; por favor! Diga-me onde o senhor quer chegar com essa história. Sou todo ouvidos.

- Então continuemos com os fatos - continuou ele - dois anos depois do ocorrido, já totalmente transformado, voltei à casa de meu mestre para uma visita. Descobri que ele havia tomado gosto pela coisa e agora vivia ensinando a quem o procurasse. Hoje, onze anos depois, sua fama correu

toda região e ele regularmente atende grupos de quatro a seis pessoas para um retiro de evolução espiritual que dura de quinze a vinte dias. Sempre mantenho contato com ele porque nos tornamos grandes amigos. Por coincidência, falei com ele antes de ontem após uma celebração em que participamos juntos aqui em Curitiba, ocasião em que me disse que daqui a alguns dias fará um retiro com quatro pessoas interessadas em seu processo de evolução espiritual. Muitas pessoas que eu já indiquei, voltaram de lá iluminadas por seus ensinamentos. Outros não vislumbram nada de especial para suas vidas. Entretanto, afirmo que se você se identificar com os ensinamentos do mestre e seguir os seus passos, descobrirá o poder capaz de realizar todos os seus sonhos mais caros. Todos. Se você quiser tentar, posso falar com ele a seu respeito. Encontro-me com ele todos os domingos pois participamos da celebração da missa na mesma igreja.

- Como assim? A serra do mar não fica tão perto daqui. Não tem outra cidade mais perto?

- Morretes.

- E porque ele vem à Curitiba?

- Isso se deve a um fato curioso meu jovem. Correm boatos na cidade que mestre José é um bruxo da

SITE DO AUTOR:

www.acasadoaprendiz.com

floresta que enfeitiça as pessoas e que abusa sexualmente dos jovens que lá vão em busca de resultados mágicos. Coisas desse tipo. Por isso ele é mal visto por muitos de lá. Principalmente pelos religiosos. Assim, ele prefere vir a Curitiba, onde anonimamente exerce o seu catolicismo fervoroso. Não tenha medo do que lhe disserem quando procurar pelo homem. São apenas mitos que o povo cultiva quando defrontam com alguém que vive de um modo diferente.

* * *

Uma semana depois daquela conversa, o aprendiz preparava-se para conhecer mestre José. Já lera muitas histórias de pessoas que viviam isoladas em sua busca espiritual através de livros. Agora iria conhecer um ermitão de verdade. Quem sabe o seu Jonas tinha razão. Do contrário seria uma experiência a mais. Além do mais, o homem não cobrava nada por seus ensinamentos. Apenas pedia uma contribuição que seria suficiente para a alimentação dos aprendizes.

A viagem; o jovem preferiu fazer descendo pela estrada da graciosa para admirar as belezas da serra do mar. Por volta das nove horas da manhã desembarcava na bela cidade de Morretes em busca de uma promessa de realização de seus sonhos. Mal sabia que seus sonhos mais caros ainda eram apenas uma sombra de outros sonhos que ele viria a vislumbrar e, por conseguinte realizar em sua vida. Nem imaginava que de agora em diante poderia trabalhar não apenas em prol da realização de seus sonhos, como também em prol da realização dos sonhos do Sonhador. Realizar os ideais do Grande Idealizador de todas as coisas.

Depois de uma breve pausa para alimentação em Morretes, com o trajeto do caminho desenhado à mão por seu Jonas, Carlos foi logo em busca de um táxi que pudesse levá-lo até as imediações do lugar onde habitava o ermitão. Ficava bem perto de um vilarejo de agricultores que plantavam hortaliças, chamado Vila Verde.

Pouco tempo depois, o aprendiz chegou ao seu destino. O eremita já o esperava no lugar combinado. Mestre José parecia mais velho que a idade que Carlos deduzira, pelas contas que fez quando seu patrão contou sua passagem pelo lugar. Parecia um mago daqueles livros misteriosos que ele gosta de ler e que de certa forma o assustam um bocado. Isso se devia ao fato de o velho possuir barbas e cabelos longos; totalmente brancos como a neve. Sentiu entretanto uma mística benéfica naquele senhor, que transmitia-lhe um sentimento de segurança muito grande e uma paz infinita. No caminho por uma pequena trilha na mata os dois foram conversando sobre trivialidades até chegarem à casa.

Ao chegar ao local onde morava o homem, Carlos ficou mais aliviado sobre o modo de trabalho de mestre José, quando viu num pedaço de madeira pendurado na varanda

frontal da casa um letreiro habilmente trabalhado, com a seguinte mensagem:

"SOU APENAS UM APRENDIZ E ESTOU NESTE MUNDO
A SERVIÇO DO GRANDE REI..."

,

Logo abaixo da frase, entalhada na madeira, havia uma imagem do rosto de Jesus Cristo, dando um complemento ao sentido daquela frase magnífica. Carlos entendeu a mensagem. E isso afastou seus pensamentos de cima do velho eremita. Com certeza, aquele não seria mais um dos muitos pseudomagos que ele conhecera através dos livros e mesmo da vida real.

Ao contrário do que ele imaginava a casa era espaçosa e possuía um certo conforto. Tinha energia elétrica e até televisão e geladeira. Mestre José contou-lhe que já fora muito mais radical, mas que agora havia adotado de novo algumas mordomias da cidade grande, visto que não precisava mais de isolamento total para encontrar o que precisava. Já havia encontrado o caminho que procurava e agora só ficava ali por opção de vida e, principalmente para

cumprir a sua missão de ajudar os outros a descobrirem seu caminho.

- Quem precisa de isolamento total a partir de agora serão vocês - disse ele. Portanto, a partir do início dos trabalhos, ninguém mais terá contato com o mundo exterior. A televisão será banida durante o aprendizado.

Carlos observou atentamente e não notou a presença de mais ninguém na casa.

- E os outros participantes? - perguntou.

- Um deles, o César, deve chegar até à noite porque mora aqui nas redondezas. Um está dormindo, pois chegou há pouco, veio de Santa Catarina e a última que é uma mulher, ainda não chegou.

- Não sabia que o Senhor aceitava mulheres no grupo.

- Não faço acepção de pessoas. Homem e mulher são iguais perante Deus. Mas já vou avisando: não admito nenhum tipo de envolvimento durante o aprendizado, sob pena de excluir imediatamente os dois do grupo. Qualquer afinidade, além dos laços de irmandade espiritual entre os membros deverá ser descartada. Nada deve afastá-los do seu

aprendizado nesses dias, porque não há um minuto se quer a perder visto que o vosso tempo é curto e o meu também. Todos que aqui vêm são pessoas destinadas por amigos meus de grande estima, com a garantia expressa de que virão em busca de exclusiva iluminação espiritual. Sobre estas regras gerais falarei mais detalhadamente depois com o grupo, de um modo geral.

No fim da tarde, todos os quatro componentes já estavam devidamente instalados em seus aposentos. Por volta das oito horas da noite todos foram convidados ao jantar e logo após o mestre começou a discorrer sobre as regras impostas ao bom andamento daquilo que ele chamava de retiro.

A primeira surpresa é que aquele seria o primeiro e único jantar cordial oferecido por ele. Todas as demais refeições e cuidados gerais com a casa, asseio e limpeza, correriam por conta dos aprendizes. Quem não soubesse fazer alguma das obrigações necessárias ao bom andamento da pousada, que o aprendesse com urgência, sob pena de estar sobrecarregando os outros em seus afazeres.

* * *

A primeira semana de treinamento tratou da adaptação à vida isolada da civilização, conhecimento da vida de cada um, bem como da aprendizagem e divisão de tarefas entre os membros.

Carlos passou os três primeiros dias com uma ansiedade latente, devido à solidão do lugar. Também percebia esta angústia de adaptação nos demais companheiros. A harmonia com o lugar, foi-se conseguindo aos poucos. Nesses dias o que de positivo se conseguiu, foi o conhecimento mútuo entre os participantes.

Logo após o café da manhã iam os quatro jovens e mestre José para um local bastante aprazível no lado esquerdo da casa onde havia uma espécie de área de lazer para os participantes. Próximo a uma nascente que descia deslumbrantemente da montanha formando naquele local uma bela cachoeira, havia uma área com alguns bancos de madeira e uma mesa, onde faziam todos os dias uma espécie de piquenique, no qual o importante era cada um contar suas experiências de vida. Segundo o mestre, aquele já era o

primeiro exercício. O exercício da amizade e da troca de experiências.

No final do sexto dia, como que encerrando aquele tipo de atividade, mestre José disse:

- Como vimos; através desta experiência de conhecimento mútuo, ninguém aqui é perfeito. E todos devem aprender a respeitar as diferenças, bem como a perdoar as pequenas falhas dos companheiros. Como já vos disse antes, os outros são os nossos maiores mestres se aprendermos a observar sem espírito crítico e julgador. Aprendemos tanto com seus acertos quanto com seus erros. Daqui a mais alguns dias será a minha vez de expor a minha experiência de vida. Antes porém, quero treinar o espírito de vocês para que se torne mais compreensível e útil o que vou lhes contar a meu respeito.

No dia seguinte, após o café e a oração da manhã, o mestre especificou que os quatro participantes deveriam subir junto com ele até o topo da montanha maior cuja base ficava há cerca de um quilômetro à direita da casa onde estavam. Segundo ele; lá em cima ficariam reunidos por um bom tempo para ouvirem uma série de conhecimentos que ele havia adquirido no contato com a natureza. Esse ato seria

repetido por alguns dias e seria a base de todo o “treinamento”.

Uma exigência que chamou a atenção dos jovens foi o fato de que todos deveriam seguir o mestre na íngreme subida repetindo continuamente, de forma pausada e ininterrupta a oração do Pai-nosso. A única exigência do mestre José: todos deveriam orar prestando atenção absoluta nas palavras da oração. Ninguém deveria pensar no sentido mais profundo das frases do Pai-nosso, nem em qualquer outra coisa. Deveriam, entretanto, com a máxima simplicidade possível, prestar atenção nas palavras que pronunciavam. Somente isso.

Isto deixou os integrantes do grupo encucados.

- Porque será que o mestre faz essa objeção? Seria esse um exercício espiritual inculcado pelo mestre de uma maneira sutil? - Pensou Carlos.

Entretanto ninguém teve a coragem de perguntar. Ninguém tinha ainda um laço de amizade mais íntimo com mestre José e todos tinham receio de expor suas curiosidades iniciais.

Um fato curioso, percebido por todos os participantes notado logo nos primeiros dias era que após a subida, chegando ao topo da montanha o mestre perguntava sobre as peculiaridades que cada um havia notado no trajeto, visto que a cada dia a equipe fazia a subida por uma trilha diferente. Feitas as observações de cada aprendiz, o mestre falava durante seguidas horas, expondo de forma espontânea, sobre as leis universais e sobre como tudo no universo é regido através de leis imutáveis; demonstrando um conhecimento profundo, tanto da ciência tradicional como das ciências ocultas. Ele explanava de maneira magnífica sobre as semelhanças entre as leis da matéria e as leis do espírito.

- Tudo o que existe no universo é regido por leis infalíveis desde o mecanismo de gravitação dos planetas até o de um átomo ou molécula - disse ele certa ocasião. Vários cientistas afirmaram nas leis da Física e da Química que para toda ação existe uma reação. Outras vezes a ciência disse: no universo nada se cria, tudo se transforma. Creio que todos vocês aqui presentes já tiveram conhecimento destes enunciados através dos livros didáticos na escola. Devem saber que até mesmo a energia se transforma continuamente em outras formas de energia.

O mestre deu uma longa pausa seguido de um silêncio geral dos participantes.

- Da mesma forma as coisas funcionam no mundo espiritual ou como queiram no nosso mundo interior. Jesus Cristo, de forma análoga aos cientistas da matéria repetiu estes mesmos enunciados, referindo se à maneira de Deus agir em nós. Quem lê a Bíblia com um pouco de atenção vai encontrar alguns dizeres como: "Não julgueis e não sereis julgados... porque com a mesma medida com que medirdes, sereis medidos". Percebam vocês que aqui se trata de uma alusão à lei universal da ação e reação, aqui aplicável ao homem como um ser espiritual. Ele ensinou também a regra de ouro, que é a máxima da vida: "Não faça aos outros o que não desejaria que vos fizessem", demonstrando a inexorabilidade da lei da ação e reação ou a lei de causa e efeito.

- Sr. José, o que o senhor diz a respeito da nossa condição de vida e morte? De onde viemos? Para onde vamos? - perguntou César.

- Sobre de onde viemos e para onde vamos parece-me que é um segredo absoluto que não nos é permitido conhecer. Tendo em vista que todas as coisas de Deus são

para o bem e para a evolução, creio que a vida continua sempre de uma maneira melhor e mais elevada. Entretanto, tudo que eu disser a mais a esse respeito seria mera especulação. Não nos é permitido saber nem o que acontecerá daqui cinco minutos na nossa vida porque assim foi determinado pelo Criador. Sobre a morte, que aparentemente suprime a existência do homem, Jesus provou sua inexistência com sua própria experiência de vida e ressurreição. Assim devo afirmar a vocês que um dos maiores conhecimentos espirituais que vocês devem aspirar será o reconhecimento de que a morte não existe. Como disse o apóstolo Paulo: "Nem todos dormiremos, mas todos seremos transformados". Entretanto sempre devemos ser meticolosos a respeito dos segredos que pertencem a Deus. Jamais queiram saber ou julgar que saibam alguma coisa a respeito do futuro. Já disse: estes segredos pertencem a Deus. Tudo o que vos disserem sobre o além vida; céu, inferno, reencarnação é mera especulação. Pelo menos eu creio assim. A nossa vida e nosso conhecimento é: o passado e o presente. O amanhã a Deus pertence. Vocês não precisam acreditar no que estou dizendo agora porque todos têm a liberdade de pensar e acreditar no que julgam correto. Entretanto, digo que quando reconhecerem que a vida vem de

SITE DO AUTOR:

www.acasadoaprendiz.com

Deus e que nada que vem de Deus não tem fim, estarão realmente espiritualmente desenvolvidos. Isso não deve ser imposto a vós por mim, nem por ninguém. Somente pela auto-espiritualização e pela busca constante de Deus é que vocês tomarão consciência destas realidades. Quando chegarem a ponto de perceberem a presença de Deus agindo em tudo; tereis atingido o conhecimento... É muito difícil compreender a presença de Deus em tudo e em todos, mas esta sabedoria é o limiar da iluminação espiritual.

E assim o mestre foi passando com o decorrer dos dias, suas experiências aos jovens aprendizes que o admiravam cada vez mais porque ele falava com autoridade e convicção.

Na noite do décimo segundo dia, depois das orações que havia se tornado habituais, após as refeições, o mestre pediu para que os integrantes acordassem mais cedo que de costume na manhã seguinte porque naquele dia iriam preparar um lanche para levar, pois iriam ficar lá em cima muito mais tempo que de costume.

Todos ficaram de certo modo mais aliviados pelo fato de que nos dias anteriores, subiam logo ao nascer do sol e só voltavam por volta de umas três ou quatro horas depois.

E isso faziam sem terem comido coisa alguma antes e durante a estada lá em cima. Os participantes reclamavam ao mestre pois a subida roubava as suas energias e muitas vezes chegavam lá em cima já com fome.

Carlos, por exemplo, passava uma fome terrível, pois tinha um bom apetite e sempre fora acostumado a comer diversas vezes ao dia. Tinha esse hábito devido ao trabalho com o pai nos tempos da juventude no mercado, visto que a casa ficava no fundo do mesmo e ele ficava o dia inteiro beliscando. Podia faltar muitas coisas na sua vida; comida entretanto nunca faltou. Aquelas manhãs de jejum lhe traziam recordações apenas do tempo em que trabalhou nas linhas de produção em empresas curitibanas. Tinha hora marcada para comer e aquilo para ele já era um verdadeiro martírio. Entretanto nada se comparava àquele jejum absoluto no meio da floresta devido ao fato de que o esforço da subida o deixava exaurido. Mas já que estava ali, tinha de cumprir as regras. E, mestre José já havia lhe ensinado que esse era um excelente exercício espiritual. Falara sobre a utilização do jejum em quase todas as religiões do mundo. Do seu objetivo de purificar os fiéis. E dos benefícios espirituais que essa prática pode trazer aos iniciados na busca pelo conhecimento

espiritual. Além de tudo isso, era uma regra e devia ser seguida à risca – dizia ele.

Na manhã seguinte, com a alma mais aliviada, sabendo que não mais sofreriam os martírios do jejum, os jovens aprendizes iniciaram a escalada da íngreme montanha justamente, como de costume, no momento em que o sol inicia a sua escalada no horizonte entre as duas serras que ficavam do lado oriental do acampamento.

Somente após a costumeira subida, acompanhada pela ladainha do Pai Nosso, foi que mestre José fugiu da rotina das conversas rotineiras dos dias anteriores. Pediu para que todos se acomodassem sob a sombra de uma das diversas árvores formando um semicírculo e o ouvissem com a máxima atenção pois aquele seria o dia em que ele lhes exporia seu despertar espiritual. Pediu novamente atenção total de todos e iniciou seu discurso:

- A partir de agora lhes contarei a minha experiência espiritual e creio que isso será um momento crucial para o vosso aprendizado. No entanto, gostaria de ressaltar que não desejo em hipótese alguma que nenhum de vocês pense que irá conquistar alguma coisa se limitando a seguir os meus passos. A coisa mais importante que aprendi e

é isso que quero passar a vocês é justamente o fato de que não existe um caminho específico para atingir a iluminação espiritual. Houve um tempo em que se pensava, e ainda existem muitos que pensam até hoje que seu caminho espiritual é o único. Vislumbram a luz de Deus e querem passar isso a todos como se fossem os únicos que mereceram descobrir o caminho certo e querem a qualquer custo fazer com que os outros sigam atrás deles por aquele caminho. Pobres ignorantes. Não sabem que o caminho de Deus é o caminho de todos os homens. E que cada um o segue por um atalho diferente. Não percebem que existe um mundo individual para cada ser humano e que cada um vive imerso neste mundo subjetivo impenetrável aos demais. Quem não admite essa realidade não é ainda verdadeiramente iluminado porque "só o é" aquele que consegue enxergar a Unidade nas diversidades.

Mestre José interrompeu seus comentários como que de um susto e falou de súbito:

- Desculpem-me; me empolguei no discurso e falei em uma língua que ainda não compreendem totalmente. Mais tarde, compreenderéis isso. E, posso lhes garantir, esta compreensão é muito simples e pode vir muito rapidamente a

vós. Basta aprender a realizar o exercício que mantém todo o universo em funcionamento e que é a chave da iluminação espiritual. O exercício da emanção de amor. Para encontrar a luz que brilha e ilumina todo o universo, nos seus planos físico e espiritual, basta exercitar a regra de ouro. Não pense, não deseje, não faça a nenhum semelhante aquilo que você não quer para si mesmo. Esse é o único segredo. Jesus resumiu toda a Lei e os profetas neste ensinamento. E olha que eu não estou falando de um mestre espiritual dos muitos que ajudaram e ajudam a humanidade. Estou falando do Cristo Vivo e não de homem nascido da carne. Porque acreditem meus amigos: ele não era um dos nossos. Não era da nossa estirpe. Por isso, utilizo-me dos seus ensinamentos para passar minha aprendizagem. Porque suas palavras são espírito e vida. Foi Ele o Mestre dos mestres. Nós outros, somos todos aprendizes.

O Mestre José deu uma pequena pausa, para tomar um fôlego, pensou por um momento e sentenciou:

- Nunca esqueçam destas palavras:

"O amor é a chave secreta que abre as portas do paraíso".

Ditas estas palavras, permaneceu por alguns instantes de silêncio, como que para dar um tempo para que

SITE DO AUTOR:

www.acasadoaprendiz.com

os aprendizes meditassem sobre elas. Todos ficaram calados. Um silêncio profundo. Fazia parte das regras rígidas ditadas nos primeiros dias. O mestre pediu para que em todos os momentos fosse falado apenas o mínimo suficiente; visto que o objetivo seria aprender com o silêncio da montanha e com a solidão da floresta.

Diante de um silêncio aterrador, mestre foi até o seu cantil e bebeu um pouco de água. Os aprendizes permaneciam calados quando mestre José chegou e continuou:

- Antes de contar minha iluminação, vou esclarecer-vos a respeito do fato de somente hoje, após quase duas semanas de contato, achei que era chegada a hora de me abrir com vocês. Havia um motivo oculto para nossa subida ao monte sempre acompanhado pelas orações. Lembram-se de que todos os dias, durante um momento, chamava cada um de vocês em separado e fazia questionamento a respeito das peculiaridades do caminho.

- Claro que lembro. - disse César. - E sempre notei que subíamos por locais diferentes.

- Lembro-me também que o senhor sempre pedia que prestássemos a máxima atenção nas palavras da oração

do Pai-nosso, mas que fizéssemos isso de uma maneira bem simples e espontânea. - Replicou Suzana.

- Pois é - continuou o mestre. - isso tinha um motivo muito especial. Na verdade esse foi um dos exercícios espirituais, visto que o jejum também se trata de um exercício importantíssimo na busca a Deus. Também a narração da vivência de cada um, sem restrições, conforme pedi a cada um de vós é um exercício que alivia a alma e, por conseguinte, nos aproxima de Deus. É como o alívio da confissão de culpa que os católicos sentem quando saem do confessionário. - entendem?

- Sim! - responderam todos em uníssono.

- Mas, continuando - interrompeu mestre José - o segredo da oração era, além do seu objetivo prático, que é a comunicação com Deus, também o de revelar o nível de concentração de cada um de vocês. À medida que chamava cada um à parte e perguntava sobre o percurso, notava o nível de entrega de cada participante e de forma sutil reforçava sempre para que rezasse com o coração e com a alma. Todo aquele que dizia que não tinha prestado atenção em praticamente nada no percurso, eu o parabenizava em segredo, pois havia feito a entrega total no momento de

SITE DO AUTOR:

www.acasadoaprendiz.com

oração. E, suplicava para que a partir de agora, pelo resto de sua vida orasse daquela forma. Esse é um dos segredos da oração: a entrega total. Não pensar, não ver e procurar não ouvir mais nada durante os momentos de contato com Deus. Fazer a entrega total. Não precisa ser uma oração bem elaborada, que resuma suas necessidades pois, como Jesus disse - Deus sabe das nossas necessidades antes de o pedirmos. - portanto o que vale, não são as palavras e sim a entrega. Somente através da supressão das coisas do mundo é que chegamos a Deus.

- Meu Deus - pensou Carlos - Como fui ingênuo. Não havia percebido o sentido de tudo isso até hoje. Estou de certa forma envergonhado, visto que os companheiros já devem ter descoberto o segredo da oração de entrega total bem antes e só estavam perdendo tempo naquele exercício por minha culpa.- Olhou para o mestre e para os demais integrantes com um sentimento de que era mesmo muito ingênuo.

Mas interrompendo seus pensamentos de autocomiseração, como que adivinhando que um clima de dúvida pairava na mente de todos os aprendizes e não

somente na cabeça de Carlos, mestre José dirigiu-se ao grupo e falou:

- Meus amigos, não se enganem. A evolução espiritual é um processo lento e contínuo. Ninguém aqui é obrigado a conhecer os meus caminhos de aprendizagem antes que eu lhes revele visto que, como já lhes disse antes, este é meu caminho, não o vosso. Cada pessoa encontra o seu caminho e sua própria forma de contato com Deus. E lembrem-se: Deus não nos apressa nunca. Fez a todos nós, dotados de livre arbítrio, para que através desta liberdade, possamos descobri-lo e resolver por livre e espontânea vontade, voltar para a casa que Ele preparou para cada um de nós desde a fundação do mundo. Um dos maiores segredos que levei mais de cinquenta anos de minha vida para descobrir e que descobri somente aqui no meio dessa floresta através do isolamento, da oração e do jejum, foi de que por todos os caminhos que possamos seguir, estamos indo em direção a Deus. A doença, o sofrimento, a dor, o amor, a alegria, a felicidade, a maldade que alimentamos por ignorância; tudo isso, por incrível que pareça, mais cedo ou mais tarde acaba em Deus. O objetivo maior desse aprendizado que estou lhes passando é exatamente que vocês tenham consciência destas verdades que acabei de

SITE DO AUTOR:

www.acasadoaprendiz.com

dizer. Verdades que não me pertencem, porque são verdades universais. Assim, não se preocupem pois esses dias de retiro retratam apenas uma pequena porção do vosso aprendizado. Eu estou aqui há onze anos e ainda continuo aprendendo.

O mestre José ficou calado por alguns instantes esperando por algum questionamento da parte dos aprendizes. Todos permaneceram calados.

- Vocês têm alguma pergunta.

- Não. Responderam os jovens.

Não havia dúvidas. Todos estavam saciados pelos ensinamentos altruístas do mestre José.

- Então por hoje chega de conversa. Vamos comer e dormir um pouco aqui no alto da montanha. Depois desceremos para os afazeres da casa.

* * *

Na manhã seguinte lá estavam os jovens novamente no cume da montanha para ouvirem as histórias do velho eremita que todos já admiravam e respeitavam. Ainda mais agora que o mestre começava a revelar-lhes os segredos de sua vida.

- Meus amigos! A partir de hoje contar-lhes-ei um pouco de minha história triste pelos caminhos tortuosos da vida. Falar-lhes-ei sobre coisas que só confio àqueles que tenho estima e consideração. Já os considero como filhos. Quero apenas solicitar que tudo o que ouvirem com respeito à minha vida particular morra aqui no alto desta montanha, visto que tenho um passado onde a minha vida social era muito ativa. E, se muitos souberem quem eu sou, acabar-se-á toda a minha privacidade. Posso confiar em vocês?

Todos concordaram plenamente assumindo responsabilidade sobre o que ouviriam. Então o mestre José iniciou:

- Meu primeiro mestre espiritual foi minha catequista, na paróquia da pequena cidade onde passei minha

infância. Mas depois eu evoluí intelectualmente e achei tudo aquilo muito simples e ridículo para mim. Que grande mal eu causei a mim mesmo quando me julguei dono da verdade. Não percebi que Deus está nas coisas mais simples do dia a dia. Devido à ignorância criada pela falta de humildade, meu mestre após aqueles tempos, foram o abismo e a escuridão. Esqueci-me de Deus. Esqueci que Ele era simples e fácil de se ver e compreender porque era Luz. E a luz se vê de perto e de longe... E caí no abismo. Progredi financeiramente, tive sucesso e dinheiro; mas como não segui o caminho da luz, caí à beira do caminho. E, fui literalmente engolido pelas trevas. Hoje percebo que até as trevas foram como mestres. Até elas eram operárias da Luz. Também eram obrigadas a servir à Grande Obra da Criação. Tinham o objetivo de mostrar, através do seu jugo impiedoso que existe a luz. Entretanto, posso lhes assegurar que é melhor, bem melhor seguir o caminho para o qual fomos criados enquanto estamos enxergando a luz, mesmo que no fim do túnel.

- Sr. José. - interrompeu Paulo. - Me desculpe; mas o senhor está falando de uma maneira muito enigmática para nós que somos iniciantes. Fale mais claramente para que possamos entender melhor.

- Meus amigos; vocês não precisam entender literalmente tudo o que estou falando agora. - falou o mestre. - Entretanto, peço que guardem estas palavras com carinho em vossos corações para serem lembradas nos momentos certos. E vou falar mais um enigma: a compreensão das coisas do alto vêm somente do Espírito Santo, quando vocês aprenderem a prática do Amor sem limite. Guardem bem estas palavras para o momento pessoal de vossa iluminação. Uma ressalva! Essa iluminação dificilmente acontecerá nesse pouco tempo de convívio com a natureza, mas espero que seja um auxílio. Pode até acontecer aqui, como pode acontecer daqui a milhares de anos. Não se assustem porque Deus não tem pressa e a vida não tem fim. Sei que essas palavras podem parecer ridículas para vós agora, mas são coisas que um dia compreenderéis. Posso dizer apenas que a iluminação espiritual, objetivo da existência de cada um de nós é o mesmo que ver Deus em tudo ao nosso redor. É compreender, aceitar e viver o "Amor sem limites". É ver a face de Deus em tudo; até mesmo nas tragédias, nas angústias e nos sofrimentos do homem. Como disse o bom Mestre: "buscai e encontrareis". Mas buscai com afinco, porque fostes criados somente para isso. Fostes todos criados

para manifestar a glória de Deus. E mais uma vez; não se esqueçam: Deus está nas coisas mais simples.

- Senhor José; Diga-nos como podemos chegar a essa compreensão – Disse Suzana.

- Acaso deveremos tornarmo-nos ascetas como o senhor. Isolarmo-nos do mundo para que possamos atingir tal grau de evolução? – completou Paulo.

- Claro que não meus amigos. Deus é o Deus de todos os homens. Dos católicos, dos muçulmanos, dos místicos, dos ateus, dos evangélicos. Deus não faz acepção de pessoas. Cada um segue por um caminho mas o destino é um só. É claro que existem caminhos mais longos e caminhos mais curtos. As religiões funcionam como atalhos para Deus. Entretanto o caminho será sempre incerto. Somos como viajantes perdidos em uma noite em busca do abrigo e da luz. Não existe uma verdade absoluta. Deus quis que fosse assim.

- Dê nos exemplos de como nos aproximarmos de Deus – disse Carlos.

- Posso dizer que a Bíblia pode ser um bom guia para se chegar a Deus. Entretanto não é o único, porque os analfabetos também devem ter as mesmas chances de

salvação que um homem culto. E podem aprender por outros caminhos. Não se esqueçam jamais destas palavras: o caminho para Deus é um caminho para todos os homens. Todos! E, posso afirmar com absoluta convicção que aprendi muito mais com a natureza do que com as centenas de livros que li. Enquanto o papel aceita as idéias e devaneios de todos os homens, a natureza trabalha apenas com as idéias do Criador. E as desenvolve e apresenta a todos os que querem ver. As lições de um livro podem ser verdadeiras ou falsas. As lições da natureza são sempre verdadeiras.

E assim; entre perguntas e respostas, passaram o resto do dia a dialogar no alto do monte.

No outro dia, depois o costumeiro descanso após a subida o mestre José iniciou nova preleção dizendo:

- Devo dizer-lhes que até agora contei apenas a parte melhor da minha história de vida. A pior parte eu negligenciei de vocês porque estão aqui no ímpeto de evoluírem e tudo o que de negativo puder ser evitado eu farei, visto que o tempo é curto e as coisas más que são pensadas ou ditas têm um poder que vocês nem imaginam. Contarei entretanto um pouco da parte negativa de minha caminhada porque tem muito a ver com meu início de evolução espiritual.

Isso que procuro passar aos aprendizes que aqui vêm, levei muitos anos para assimilar sozinho. Por isso percebi como é importante alguém que possa sempre nos ajudar no nosso caminho. O auxílio solidário de uma pessoa a outra pode ajudar a encurtar muitas distâncias. Estamos sempre aprendendo com os erros e acertos dos outros. Por causa disso resolvi ajudar as pessoas a encontrarem a grande luz que faz a semente divina germinar. Mesmo sabendo que a iluminação ocorre sempre a nível individual, creio que posso contribuir com meu exemplo. Além do mais, todo ser humano sente a necessidade de expressar o conhecimento adquirido. Todos nós sentimos a necessidade de expressar nossas experiências. E quem ensina é quem mais aprende. Senti que estava pronto a passar estes conhecimentos a partir do momento em que fui capaz de aliviar uma alma sofrida como a minha. Fui capaz de mostrar a luz através dos caminhos da natureza para alguém que chegou ao fundo do poço assim como eu. Em aproximadamente seis meses, essa pessoa havia de novo encontrado seu elo perdido. Creio que a maioria das pessoas que aqui aparecem, aprendem muito em bem menos tempo que eu e o primeiro aprendiz que aqui estive há muitos anos. Eu e ele fomos dois cabeças duras e envelhecemos errando

sem nunca aprender com os erros até que chegássemos ao fundo do abismo. Jesus passou quarenta dias de provação no deserto e assim como Ele. creio que esses dias que estarão aqui, será de grande valia para cada um de vocês.

Após preparar dessa forma o espírito dos jovens, mestre José pediu a atenção de todos pois a partir daquele momento contar-lhes-ia detalhadamente como havia chegado àquele local. Primeiramente contou-lhes com brevidade os acontecimentos menos significativos de sua vida. Sabia que o mais importante para os jovens seria saberem como ele havia chegado ao topo do poder, tornando-se um membro importantíssimo na política. Então ele iniciou sua história de vida dizendo:

- Em determinada fase de minha adquiri grande fama e poder no mundo da política curitibana. Nos bastidores do poder conheci grandes glórias e, mergulhado nesse mundo de corpo e alma esqueci-me de que havia pessoas que de mim necessitavam para seguir adiante. A sede de poder afastou-me aos poucos de meus familiares e amigos. O poder era tudo que me interessava. Pelo poder eu mentia, corrompia, enganava o meu irmão. Quando percebi que havia perdido os bons valores era tarde demais. Estava isolado em

um círculo vicioso de prepotência que eu mesmo havia criado. Daí para os vícios foi um passo. Primeiro veio o vício do jogo. Grande parte do que ganhava ia para os jogos de azar. Depois vieram as mulheres, o alcoolismo, o fundo do poço. De repente meu mundo ilusório começou a desmoronar-se. Perdi prestígio politicamente. Saí candidato por um partido menor e fui derrotado. Com a política, perdi também muito dinheiro. Ninguém mais estava ao meu lado. Meus parceiros políticos desapareceram. Meus únicos prazeres vinham dos meus vícios. E estes prazeres aos poucos me destruíram literalmente. Quando me dei conta, estava quase sem dinheiro e sem amigos. Nesse momento lembrei de Deus. Pedi socorro. Ninguém respondeu. Busquei socorro nas mais variadas crenças. Primeiro ingressei-me na magia. Tornei-me um assíduo freqüentador de cursos e reuniões com pessoas de igual interesse. Passei a fazer uso de artefatos mágicos para os mais variados fins. Pentagramas, círculos mágicos, invocações e rituais agora faziam parte do meu mundo. Conheci boas pessoas. Entretanto conheci também o lado negro da magia. Não obtinha entretanto os resultados esperados. Resolvi que iria procurar Deus por outros caminhos. Nesse tempo; aprofundei-me em livros de esoterismo e auto-ajuda. Conheci os livros que simplificavam

SITE DO AUTOR:

www.acasadoaprendiz.com

Deus. Aqueles que ensinavam que o poder de Deus nada mais era que um pensamento em nossa mente. Agora eu achava que tudo aquilo que eu havia aprendido na magia não fazia sentido. Estava tudo no poder do subconsciente. Acreditei haver encontrado as respostas que eu precisava. Bastava acreditar. Bastava mentalizar para que meus desejos se realizassem. Achei ter descoberto o segredo dos segredos. Iria conseguir tudo o que havia perdido de volta. Bastava mentalizar. Nessa ilusão vivi por alguns anos. Mentalizava o que queria. Consegui algum progresso com isso. Entretanto, um dia percebi que eu não era dono do meu destino. Não poderia viver mentalizando todas as situações do dia-a-dia. A vida era complexa. Não podia submetê-la aos meus desejos. Eu não tinha o poder para guiar meu destino vinte e quatro horas por dia. O poder da mente não era a resposta ideal. Assim; desiludido nas minhas buscas resolvi isolar-me de tudo e de todos. Deixei alguns bens imóveis que ainda possuía para que fossem locados pelo mercado imobiliário de Curitiba e juntei minhas coisas vindo parar neste lugar que agora me encontro. Assim; até hoje vivo aqui isolado da civilização. Vivo aqui da renda mensal do aluguel de meus imóveis na capital. Além disso, tenho uma aposentadoria razoável. Aproveito

essa liberdade financeira que o dinheiro me proporciona para executar o meu trabalho de espiritualização.

Quando me mudei para cá, fiz isso num ato de raiva do mundo. Queria me isolar de todos porque eles me abandonaram. Não percebia que eram as mãos mágicas de Deus me mostrando o caminho espiritual que eu buscava há tanto tempo. Um caminho simples que eu demorei a descobrir porque o procurava nas coisas mais complexas. Não sabia que Deus era o Deus dos simples e dos humildes. Só percebi isso há alguns anos atrás quando pude de novo ajudar alguém a se reencontrar consigo mesmo. O meu primeiro aprendiz, como já disse antes.

Antes que mestre José pudesse continuar, Carlos o interrompeu:

- Por acaso esse primeiro homem que aqui esteve chamava-se Jonas.

- Sim meu filho. Foi ele mesmo. Jonas tornou-se um dos meus maiores colaboradores. É uma boa alma. Já mandou muitas pessoas para cá, para conhecer os ensinamentos da natureza. Inclusive você, não é?

- Exatamente - confirmou Carlos.

Em seguida mestre José contou a história de seu Jonas. Foi ouvido atentamente por todos os jovens, principalmente por Carlos que via confirmar toda história que seu patrão havia contado antes.

E assim os jovens passaram todo o resto daquele dia no cume da montanha a conversar sobre as coisas de Deus e da natureza com mestre José. Nem perceberam as horas passarem porque falavam de coisas que interessava a todos.

* * *

Naquela noite o mestre José pediu para que todos ao deitar fizessem uma oração especial para que Deus os iluminassem visto que já haviam chegado na reta final do retiro espiritual e que, na manhã iriam ouvir uma preleção especial.

E assim, no outro dia subiram mais cedo que de costume, pois segundo o mestre teriam muito o que fazer. Chegando ao alto do monte após descansarem por alguns minutos mestre José disse uma frase que fez os rapazes se lembrarem de um momento do ritual católico.

- O Senhor esteja convosco!

- Ele está no meio de nós – responderam os jovens imitando o culto católico.

- Demos graças ao Senhor nosso Deus!

- É nosso dever e nossa salvação!

Ditas estas palavras, fez-se um breve silêncio. Ninguém ousou comentar a atitude inusitada do mestre em imitar o costume católico. Sem dizer mais nada, o mestre foi até uma bolsa que sempre trazia junto consigo para carregar o

SITE DO AUTOR:

www.acasadoaprendiz.com

cantil de água e a Bíblia; objetos sempre presentes, mesmo nos dias de jejum. Dessa vez havia algo mais na bolsa. Uma sacola cheia de sementes das mais variadas espécies nativas da floresta. Ainda em silêncio pegou as sementes e as espalhou pelo chão com cuidado e até com uma certa reverência. Só então iniciou seu discurso, dizendo:

- Vou exemplificar o segredo da minha iluminação espiritual através de uma metáfora. Quero que prestem a máxima atenção. Estas sementes foram colhidas de diversas espécies vegetais que habitam esta montanha. Como elas, existem milhões de outras por essa mata afora. Estas no entanto; simbolizarão agora, no nosso aprendizado, a humanidade em geral.

Espiritualmente falando; sementes são como os homens que ainda não descobriram o propósito espiritual para o qual foram criados. Apesar de terem sido criadas pela árvore mãe com o objetivo de germinar, crescer, florescer, frutificar e cumprir a sua missão na grande obra da criação, as sementes ainda estão adormecidas, porque não encontraram condições propícias para isso. Nesse ínterim, podem vir a apodrecer e servir de adubo para outras plantas, alimentar os animais selvagens ou até servir de base para o preparo de um

prato que alimentará o homem. Noutras palavras, podem contribuir de diversas maneiras para a evolução da vida.

Entretanto, o objetivo maior de sua existência, será sempre o de germinar e crescer à imagem e semelhança da árvore mãe. Conhece sua missão e sabe em sua sabedoria de semente que existe uma grande luz lá em cima - o sol para a planta; Deus para o homem - que pode lhe proporcionar o pleno desenvolvimento de suas faculdades latentes e adormecidas. Necessita para isso de condições propícias para vir a desenvolver o seu dom. Deve isolar-se na escuridão da terra sofrer uma verdadeira morte por dentro para o seu estado atual, receber a força dos elementos da natureza, que a ajudarão a crescer e encontrar a luz que lhe dará uma nova vida. Permanecerá ainda coma as raízes fincadas na terra, mas agora poderá contar com a energia poderosa da grande luz que a fará crescer e produzir seus frutos. Cem, duzentos, mil por um... Quando descer à escuridão, a semente terá de lutar contra as forças da terra que inicialmente desejarão matá-la, para em seguida alimentar-se dela. Mas sendo persistente e determinada; encontrará as condições propícias, lutará e vencerá o poder da terra, pois deseja encontrar a grande luz e crescer. E a terra não pode destruir os que buscam a luz, porque todos os elementos, inclusive ela (a

SITE DO AUTOR:

www.acasadoaprendiz.com

terra) foram criados e mantidos pelo poder daquela grande luz. A terra também respeitava e temia a grande luz porque lhe era muito superior. Dessa forma, a semente que germinou, encontrou na terra uma aliada que a partir de agora iria ajudá-la. Agora a terra tornou-se sua serva, dando sua energia para ajudá-la a subir para cima e encontrar a força edificadora da grande luz que estava lá em cima ajudando todos os seres a cumprirem o seu papel. E, ajudada pelos poderes da terra, iluminada pela energia e pelo poder da grande luz que era o sol a planta cresceu e cumpriu o seu propósito sublime na Grande Obra da Criação: multiplicar os dons que lhe foram confiados por outra Grande Luz que comanda todas as luzes. Esse será o destino de muitas destas sementes que aqui se encontram. E, nós somos como estas sementes para Deus.

O mestre deu uma pequena pausa, com o objetivo de ocultar daqueles jovens aprendizes uma lágrima que teimava em escorrer por seu rosto.

-Entenderam a comparação e o sentido da parábola?

- Sim; responderam os jovens emocionados.

- Dessa forma ocorreu a minha iluminação espiritual. Espero que vocês encontrem à luz. Cada um à sua maneira. Minha história serve apenas de exemplo. Mas lembrem-se, volto a repetir: os caminhos de Deus são muitos e, há muitas, muitíssimas moradas na casa de nosso Pai. Foi Jesus quem disse isso.

Os jovens realmente entenderam a mensagem. Naquele dia todos se alimentaram felizes no alto da montanha. Era como se houvessem adquirido uma nova maneira de ver as coisas. Carlos particularmente entendeu profundamente a mensagem de mestre José. Percebeu naquele instante que poderia a partir daquele momento fazer germinar com toda a força a sua semente espiritual que ele havia deixado adormecida por falta de cuidados simples que a mesma exigia. Bastava regá-la e adubá-la todos os dias com bons pensamentos e boas atitudes. Devia ser um jardineiro no Jardim do Éden. Devia cultivar a semente que o Dono do Jardim havia lhe confiado. Compreendeu que cada um precisava cuidar apenas de sua própria semente para que o Jardim de Deus crescesse mais e mais. A partir de agora ele iria cuidar da sua. Faria a sua parte. Esse era o preço que Deus cobrava de cada um.

- Faça a sua parte - Dizia a voz da sua consciência.

Após o almoço no alto da montanha todos os aprendizes estavam com um ânimo redobrado. Parecia que as palavras do mestre naquela manhã havia despertado-lhes algo adormecido dentro deles. A parábola das sementes fez os jovens tomarem consciência do dever de evolução espiritual imanente a todo ser humano.

Mestre José havia percebido que os aprendizes entenderam a lição da natureza, uns com mais e outros com menos profundidade. Entretanto; de alguma forma todos sairiam dali melhores que antes. Ao final convidou todos a fazerem uma oração especial, visto que aquele seria o último dia que estariam juntos. Pela primeira vez perguntou a religião de todos.

- Muito bem! Já que todos se dizem católicos faremos uma oração da igreja. Tomei a liberdade de mudar algumas palavras já que não estamos no ambiente de uma missa. Peço que todos repitam cada frase que eu disser. Lembrem-se de fazer a entrega total - E começou a oração dizendo:

“Senhor Jesus Cristo; dissestes aos vossos discípulos: eu vos deixo a paz; eu vos dou a minha paz. Não

SITE DO AUTOR:

www.acasadoaprendiz.com

olheis os nossos pecados mas a fé que anima estes vossos seguidores. Dai-nos segundo o vosso entendimento a paz e a unidade. Vós que sois Deus com o Pai e o Espírito Santo”.

Repetiram esta oração umas cinco vezes. Segundo o mestre esta oração tem o poder de fazer os aprendizes a reconhecerem as ovelhas do rebanho e a distinguí-las dos lobos.

- Lembrem-se destas palavras: Todos os seguidores do cordeiro estão marcados. Quem alcançar um bom grau de evolução espiritual conseguirá reconhecer tal marca. Isso demanda tempo e dedicação. Esta oração vos ajudará - falou o mestre José.

Dizendo estas coisas deu-se por encerrado o retiro espiritual. Ordenou a todos que descessem, arrumassem suas coisas e partissem assim que possível.

Na manhã seguinte todos os aprendizes já haviam ido embora. Apenas Carlos havia ficado até mais tarde visto que resolvera subir a Curitiba de trem e este passaria por Morretes apenas no final da tarde. Passou a manhã toda conversando com mestre José o que lhes conferiu um contato mais afetuoso. Afinal era a primeira vez que conversavam sozinhos depois do início do retiro. O jovem aproveitou para

confessar ao mestre que havia encontrado muito mais do que buscava.

- Vim em busca de um alento para a minha desilusão amorosa e encontrei um novo amor; muito maior e mais sublime. Aprendi que o amor é a chave do segredo que abre as portas do paraíso como o senhor disse. Ainda me lembro de Patrícia, mas já não sinto tanta falta de sua presença. É como se algo dentro de mim dissesse que eu tenho coisas muito importantes a fazer agora. Creio que ainda leve algum tempo para esquecê-la. Entretanto tenho certeza de que não voltarei a procurá-la. Tenho outros objetivos em mente. Estou sentindo um desejo ardente em trabalhar o meu lado espiritual.

- Tudo bem Carlos. Apenas cuidado para não ficar bitolado a isso. Lembre-se: o homem é matéria e espírito. Estes dois elos devem permanecer unidos. Cuidado para não se tornar um fanático. Deus não precisa disso. Não é necessário salvar o mundo. Apenas faça a sua parte.

- Ok senhor José. Eu compreendo tudo isso.

* * *

Durante a viagem de volta, a morosidade da viagem de trem e as belezas da serra do mar fizeram Carlos divagar pelo mundo da imaginação. Pela primeira vez depois de todos aqueles dias de isolamento pode retirar o seu walkman da bolsa. Ligou-o no momento exato em que tocava uma música que tinha tudo a ver com o momento que estava vivendo. Era uma música mensagem do saudoso cantor Gonzaguinha. A música dizia que devemos viver sem ter vergonha de ser feliz e cantar ao mundo a beleza de ser um eterno aprendiz.

A música, a paz da floresta, o balançar do trem criou na mente do rapaz uma paz tremenda e uma espécie de semitranscendência passou a tomar conta de sua mente. De repente surgiu-lhe a vontade de expressar seu aprendizado ao mundo, de um modo que pudesse ajudar a outras pessoas, bem como tornar mais vívida para si mesmo sua experiência. Os segredos que havia aprendido agora seriam parte integrante de sua vida e ele já conseguia enxergar as coisas por um ângulo mais amplo. Foi meditando sobre tudo o que aprendera e como iria utilizar aquele aprendizado sagrado em

todos os setores de sua vida que o rapaz adormeceu...

Em pouco tempo passou a ter uma espécie de sonho místico onde se passavam vários acontecimentos de sua vida.

Relembrou no sonho o dom que desde pequeno trazia adormecido. A pintura; um dom inato que ele teve a oportunidade de desenvolver na adolescência.

“Sempre tivera vontade de fazer um curso de pintura para desenvolver suas potencialidades. No início seu pai era contra, pois dizia que a arte não tinha valor no Brasil e que isso seria uma perda de tempo. Apesar da resistência, Carlos acabou, com a ajuda da mãe, convencendo o pai a matriculá-lo num curso de pintura. Depois da adolescência, Carlos passou a se envolver com outras atividades e seu dom de pintar foi deixado de lado. Apenas fazia algumas pinturas para enfeitar as paredes de sua casa ou para presentear os amigos, muito embora sempre tivera o sonho de um dia, criar uma pintura especial que realmente pudesse chamar a atenção das pessoas. Este momento havia chegado”.

Agora; o seu sonho intuitivo o havia presenteado com uma idéia bem original. Viu-se pintado um quadro no qual retratava sua experiência espiritual com mestre José. Na pintura ele via nitidamente os estágios de sua experiência mística. Três figuras seqüenciais distintas onde a imagem de um homem que ele interpretou como sendo ele próprio, aparecia nos três estados de que tinha consciência de ter vivido: o antes, o durante e o depois do retiro espiritual. Sonhou que sua vida mudaria para sempre a partir daquele momento. Teria uma nova vida, alcançaria a felicidade e a realização pessoal. Venderia o quadro por uma imensa quantia de dinheiro que lhe daria total independência financeira Conheceria um novo amor que seria sua cara metade, ajudando-o a cumprir a missão que o criador havia lhe confiado.

Quando o trem passava pelo último túnel do percurso de volta a Curitiba, Carlos despertou assustado pelo barulho. Foi a primeira vez que teve uma premonição. Havia sido presenteado com uma visão do futuro que o aguardava caso ele seguisse a sua missão. Não seria uma missão

especial; mas sim a missão de todos os homens. Trabalhar, progredir e ajudar a construir um mundo melhor para todos.

De fato todas estas coisas vieram a acontecer na vida do aprendiz. Não da forma exata que foi desenrolada no sonho. Basta dizer que o quadro que pintou fora vendido a um estranho por uma pequena quantia de dinheiro e não pelos milhões que havia sonhado. Entretanto; a arte de sua pintura foi como uma chave mágica que abriu muitas e muitas portas para um novo mundo cheio de amor, felicidade e paz interior.

* * *

Parte II

Tudo começou a mudar radicalmente na vida de Carlos desde que resolvera participar de um retiro junto a um eremita de nome José que vivia na serra do mar paranaense ensinando as pessoas a reencontrarem a paz interior, utilizando-se do poder mágico da natureza. Foram três semanas de isolamento total da civilização, onde ele aprendeu a acalmar a alma e escutar os conselhos que a floresta ensinava, utilizando-se para isso de um velho homem solitário como ferramenta. Descobriu que as leis da vida são simples como o são as coisas realmente de Deus. Viu os animais louvando as dádivas da criação, que na floresta eram graciosamente apresentadas em todo o seu esplendor. Ouviu o canto incessante da mãe natureza louvando o Criador de todas as coisas. Viu as plantas executando a sua missão; cada uma fazendo a sua parte para que a floresta manifestasse vida em abundância. As palavras do mestre José eram apenas um complemento aos ensinamentos que a natureza sabiamente havia lhe inculcado na alma. José era um

SITE DO AUTOR:

www.acasadoaprendiz.com

homem a quem Deus havia inculcado uma missão. E, como ele todos os homens têm a sua missão; embora muitos não tenham consciência disso. Carlos agora tinha um profundo conhecimento dessas coisas. Conhecia agora o propósito de sua existência. Era um missionário como todos os demais seres humanos. E agora sabia que a sua missão era muito simples: tornar o mundo um pouquinho melhor. Em outras palavras: Sabia que devia apenas fazer a sua parte.

Carlos sentia esse desejo latente em expressar ao mundo esses conhecimentos desde aquele momento em que tivera um sonho em plena serra do mar paranaense, onde ele se via pintando um quadro mágico que lhe daria as chaves para um mundo maravilhoso em que todos os seus desejos se tornariam realidade. Iria seguir os conselhos de sua intuição: retratar sua experiência mística em um quadro e assim contribuir para a Grande Obra da Criação que não acaba nunca. Sabia que tudo não passara de um sonho. Entretanto, sentia que aquele sonho tinha algo de especial. Era a maneira ideal pela qual ele retrataria sua experiência mística vivida no meio da floresta. Sabia que estaria fazendo a coisa certa porque havia sido estimulado por uma força superior durante o sonho a dar vida à sua experiência mística através da pintura. Iria pintar o quadro imaginário visto no sonho.

SITE DO AUTOR:

www.acasadoaprendiz.com

Durante mais de uma semana ficou isolado em seu quarto de pensão, trabalhando na elaboração do quadro. No final pode admirar com orgulho a beleza mística de sua obra.

Na pintura estavam expressas, de uma maneira bem original e até de certa forma genial, as imagens que ele havia vislumbrado em seu sonho. Imagens que ele sabiamente interpretou como sendo a visualização do resultado de sua busca e evolução espiritual. Compunha-se de uma paisagem da natureza composta por um pequeno monte todo coberto por pequenos arbustos dentre os quais ressaltavam se três imagens, todas relacionadas à araucária.

Nota: No seu sonho, Carlos não conseguiu distinguir a árvore visualizada no quadro. Teve a idéia de utilizar-se da araucária por tratar-se de um forte símbolo do Estado do Paraná.

“Na primeira figura em evidência, desenhada ao lado esquerdo do pequeno monte havia uma semente gigante de araucária. Seu tamanho era desproporcional ao restante da paisagem natural pois tinha o objetivo de demonstrar algo

fundamental no quadro. Sobreposta à imagem da semente havia, de forma sombreada, a figura de um homem acomodado em uma posição horizontal, como se estivesse dormindo, com as mãos esticadas ao lado do corpo. Estava com os olhos fechados.

Do lado direito do quadro, na base do monte, também em tamanho desproporcional ao restante do contexto da paisagem, havia uma semente da mesma árvore em estado de germinação. A semente aparecia como uma sombra, sob o solo, enquanto que do seu lado emergia um broto que já apontava por sobre a terra. Também sobreposta à imagem da semente em germinação havia a imagem de um homem de joelhos, com os olhos fechados e as mãos juntas como que em estado de oração. O curioso nesta imagem é o fato de que homem de joelhos e parece harmonizar perfeitamente a imagem do broto; pois à medida que o corpo ereto acompanha a imagem do broto, a parte inferior da perna que fica dobrada abaixo do joelho, acompanhava a extensão semente sob o solo, que sustentava o broto.

Na parte superior da pintura, no alto do monte, mais proporcional ao resto da paisagem, havia uma araucária adulta. Também sobreposta à imagem da árvore, havia a

figura de um homem. Desta vez, porém, o homem aparece de pé e ele é que está desproporcional ao restante da paisagem. Parece gigante e acompanha quase toda extensão da árvore. Está com os braços abertos em forma de cruz e seus olhos agora estão abertos; olhando para o alto”.

Para quem olha para o quadro, a primeira vista, parece uma coisa anormal todas aquelas figuras. Para Carlos, no entanto, aquilo simbolizava muito e ele estava ansioso em mostrar aquilo ao seu mestre. Estava decidido. Iria voltar à serra do mar, para mostrar ao Sr. José o seu quadro.

* * *

Alguns dias depois do término do quadro, o aprendiz estava de novo a caminho da casa de mestre José, nas proximidades de Morretes. Fazia questão de que ele fosse o primeiro a conhecer o resultado dos seus ensinamentos. Chegando a casa, foi logo exclamando alegremente:

- Mestre, digo: Sr. José – lembrou-se que o mestre não admitia que o chamasse assim. – acabei de retratar minha experiência espiritual como o senhor havia me aconselhado. Agora tenho uma maneira de passar aos demais a minha experiência de iluminação espiritual.

- Mostre me o que tens aí, meu filho – indagou mestre José. – Estou curioso.

Carlos ansiosamente desembalhou o quadro e mostrou-o ao seu mestre:

- Vamos ver se o senhor descobre o enigma da minha pintura.

- Puxa Carlos, você disse certa ocasião quando estávamos no cume da montanha que gostava de pintar, mas não sabia que era tão hábil nesta arte. É muito interessante a maneira peculiar com que trabalha com as imagens.

- Ora seu José, não lhe contei que já até havia feito um curso de pintura quando morava na minha cidade natal e...

- Psiuu! – Fez o mestre num tom baixo e calmo para o rapaz enquanto olhava para o quadro de uma maneira estranha. Parecia estar viajando enquanto admirava silencioso o trabalho do rapaz.

Carlos permaneceu calado. Mestre José ficou por longos minutos observando o quadro, até que de súbito olhou para o rapaz e exclamou:

- É uma pintura maravilhosa e creio que interpretei muito do que você quis retratar através dela mas não quero bancar o adivinho. Decifre para o seu amigo os enigmas de tua obra de arte, meu caro.

Carlos já havia percebido que o mestre havia entendido a mensagem do quadro. Apenas não queria estragar sua felicidade em contar. Dessa forma, explicou todo o sentido enigmático das imagens do quadro. Quando

terminou a explanação, notou que seu mestre demonstrava uma expressão de felicidade e extrema alegria.

- Estou feliz pelo quadro. Demonstra que você realmente aprendeu a lição, meu filho. Meu esforço não foi em vão. Você conseguiu a iluminação espiritual e na graça de Deus, a partir de agora, vai alçar vôos cada vez mais altos. Basta conservar o seu conhecimento sempre vivo em seu interior da mesma maneira que o materializou neste quadro. E, é claro, utilizar-se desta sabedoria para concretizar seus sonhos através de boas e sábias ações.

- Por isso, Seu José, vou manter este quadro sempre pendurado na parede de meu quarto, para sempre lembrar das verdades que ele representa para mim.

- Não acho isso absolutamente certo, meu filho. Creio que você deveria arrumar uma maneira de apresentar esta pintura ao mundo, pois você sabe que o conhecimento que não é dividido é conhecimento perdido.

- Ora mestre; mas sempre procurarei ensinar o sentido interior do quadro para aqueles que me solicitarem. Posso contar essa história para muitos.

- É uma boa idéia. Mas tenho uma sugestão para lhe fazer, pois entendo um pouco de arte e sei que seu quadro é bom.

- Diga senhor José!

- Tenho muitos conhecidos na capital. Conheço muita gente que mexe com arte e posso dar-lhe uma ajuda para que você apresente a sua obra ao público que aprecia a pintura. Você não precisa vendê-la se não quiser. Basta mostrar ao mundo a luz que este quadro representa. Vai acontecer uma mostra de pintores no mês que vem e se você quiser eu posso arrumar um espaço para você.

- Puxa mestre, seria um grande prazer.

- Então ficamos combinados. Vou contatar meus amigos artistas de Curitiba e se conseguir uma vaga para o seu trabalho eu lhe telefono.

Carlos admirava cada vez mais mestre José, pois o velho sempre conseguia cumprir aquilo que prometia. Havia conseguido todos os contatos para que o aprendiz pudesse efetivar a mostra de sua pintura ao mundo.

No dia marcado para a apresentação na galeria de artes o quadro de Carlos estava lá entre dezenas de outros.

Foram feitas as preleções dos demais artistas, que Carlos ouviu atenta e ansiosamente até que chegou a sua vez de falar.

- Boa noite senhoras e senhores. Meu nome é Carlos de Almeida Santos. Sou pintor principiante e esta é a minha primeira obra que trago a conhecimento público.

- Boa noite! – responderam os presentes.

Então o aprendiz iniciou sua apresentação.

Este quadro que agora vêem tem um valor inestimável para mim. É resultado de um aprendizado que muito me ajudou em minha busca por uma nova vida, com mais paz de espírito, alegria e felicidade. E posso lhes garantir que tudo isso foi conseguido em poucas semanas em contato com a natureza, no alto de uma montanha da serra do mar paranaense, sob o comando de uma pessoa iluminada. Essa felicidade de realização interior estimulou-me a exercitar o dom de pintar que tenho latente dentro de mim desde a infância. O resultado foi esta obra que ora vos apresento.

Carlos deu uma pequena pausa. Não deveria se empolgar – pensou. Afinal falava para intelectuais e seu conhecimento espiritual poderia não ser tão interessante para

aqueles homens de cultura elevada. Afinal eram todos figurões da cidade: Empresários, industriais, homens de negócio. Assim; agindo agora mais pelo lado da razão que da emoção, Carlos recomeçou a explicar sobre o sentido de sua obra, de uma maneira sutil, sem sobressaltar muito o sentido espiritual da pintura:

- Aqui os senhores vêem a pintura de uma paisagem natural. Observem para as imagens que se sobressaem por suas peculiaridades, pois aí está o sentido interior e oculto, objetivo primário da criação do quadro que vos apresento. Devo ressaltar que as três imagens humanas visíveis na obra, representam a minha própria evolução interior. O Sol brilhando sobre o monte representa Deus. É o que dá vida à planta, desde a germinação até a sua fase adulta. Na imagem do quadro, portanto, o sol representa de forma pitoresca e metafórica o poder de Deus e as sementes e a árvore em destaque representam o homem. Mais precisamente: eu mesmo. Na parte inferior, do lado esquerdo do quadro, notem que há uma grande semente sobre a qual se sobrepõe a imagem de um homem deitado em seu interior. Simboliza o homem que não despertou ainda o seu lado espiritual. Está dormindo; ou seja: adormecido para Deus. A luz está lá em cima, brilhando e dando vida a todos os que a

SITE DO AUTOR:

www.acasadoaprendiz.com

buscam, mas o homem está protegido pela casca da semente, da energia criadora do sol. Ainda não encontrou as condições propícias para desenvolver suas potencialidades adormecidas. Está ali sobre o solo, muito próxima às forças que a fariam germinar mas ainda não encontrou a ajuda que precisa. Precisa ser enterrada e morrer para o seu estado atual, para que possa ressuscitar em um novo mundo. É o símbolo que encontrei para representar o homem materialista que ainda não encontrou o solo fértil e apropriado para desenvolver-se espiritualmente. Todos nós, assim como a semente, raramente conseguimos, fazer germinar sozinhos os dons que Deus nos deu. Precisamos da ajuda dos outros. Aí é que entram a nossa necessidade de apoio em uma religião, uma ideologia ou de pessoas altruístas que buscam a Deus.

O aprendiz deu uma pequena pausa para disfarçar a emoção crescente que tomava conta de seu ser quando falava sobre estas coisas. Passou para a outra ilustração em destaque no quadro e falou:

- No canto inferior direito, os senhores vêem uma semente em estado de germinação, também com a imagem sobreposta de um homem ajoelhado. É a simbologia que encontrei para representar o meu despertar para a

espiritualidade. O homem que habita o interior da semente está de joelhos em estado de oração. E, a oração e a humildade perante Deus, representa o início de nossa evolução espiritual. Um homem ajoelhado, demonstrando humildade e devoção perante o Criador, é como uma semente em estado de germinação, apto a receber, aos poucos, na medida em que persiste na oração, toda energia que emana de Deus. O homem está com os olhos fechados. Não consegue ainda ver a grande luz (o sol para a planta; Deus para o homem) que lhe dá energia para a germinação de sua semente espiritual, plantada pelo criador desde sempre em sua alma. Entretanto, embora não veja a Deus, a semente divina dentro dele está em estado de germinação, recebendo energia e crescendo para o alto. Sabe por intuição que lá em cima num mundo que ela ainda não vislumbrou porque ainda não pode ver, existe uma grande luz que lhe dá forças para que ela possa crescer e cumprir sua missão.

Todos os presentes permaneceram atentos ao que Carlos dizia. E o rapaz passou para a parte final de sua explanação, dizendo:

- No alto do monte há uma árvore adulta da mesma espécie que produziu as sementes. Notem os senhores que

também sobre a árvore vê se a imagem sobreposta de um homem. Desta vez, o homem é que está representado de forma desproporcional ao contexto geral da paisagem. É gigante e alcança as proporções da araucária. Está com os braços abertos levemente levantados para o alto. Agora ele está com os olhos abertos. Entretanto, não pode olhar para o sol (Metaforicamente simbolizando o poder de Deus na natureza). Não pode olhar diretamente para a face de Deus; mas pode senti-lo em todas as coisas que o cerca. E vê o esplendor de toda a sua luz brilhando acima, abaixo e por dentro de todas as coisas que existem. Simboliza aqui o homem espiritualmente despertado. Este é como a árvore adulta, pronta para florescer, frutificar e dar seus frutos, cumprindo o papel para o qual foi criada e alimentada pela grande luz.”

Carlos deu uma pequena pausa para tomar fôlego e sentenciou:

- Senhores; este é o sentido da minha pintura. Espero que tenham gostado.

Foi acalorado com uma grande salva de palmas de todos os visitantes.

De imediato percebeu que sua historia e sua pintura havia agradado os presentes; pois seguiu-se um burburinho entre os participantes. Foi preciso por mais de uma vez que os organizadores pedissem silêncio para que os outros artistas continuassem a apresentação de seus trabalhos.

* * *

Logo ao final das apresentações, Carlos foi assediado por mais de uma dezena de pessoas que desejavam adquirir sua obra. Embora já houvesse decidido por não vender seu quadro, ficou surpreso, pois não esperava que houvesse tantas pessoas que se interessariam por sua pintura. Estava convicto de que não disporia do quadro, pois sabia que a arte no Brasil não tem muito valor. Na certa ofereceriam alguns reais pelo quadro, mas nada que fizesse diferença substancial na sua vida financeira – pensou.

Ao contrário do ele que pensava, alguns daqueles homens amantes da arte ofereceram uma quantia razoável de dinheiro pelo quadro. Algo muito além de suas melhores expectativas iniciais. Carlos entretanto disse estar decidido. A obra não estava para venda. A não ser que houvesse um louco capaz de lhe pagar a imensa quantia que ele via receber no sonho – pensou.

Logo os compradores cessaram de tentar adquirir o quadro, visto que o jovem parecia decidido. Dispersaram-se pelo salão observando os quadros dos demais pintores. Somente um senhor alto e aparentando uns cinquenta anos

permaneceu insistindo em comprar sua pintura. O senhor demonstrava que pertencia a um status elevado da sociedade curitibana e era dono de uma cultura admirável. Ficou conversando com Carlos por um longo período sobre a história que o jovem havia descrito. Parecia a esta altura estar muito mais interessado na história do jovem do que pelo quadro em si. Insistiu mais algumas vezes, chegando a ponto de oferecer pelo quadro uma quantia de dinheiro que Carlos nunca tivera de uma só vez em sua vida. Era uma oferta tentadora. O jovem começou a meditar sobre a sua decisão. Quem sabe ele faria com aquele dinheiro um investimento em seus estudos e o conteúdo do sonho tornar-se-ia realidade um dia – pensou.

Carlos refletiu sobre a oferta do doutor Henrique – esse era nome do senhor interessado em seu quadro – entretanto sua consciência lhe dizia agora que seu quadro valia ainda mais do que aquela quantia em dinheiro pelo sentido oculto que possuía. Quem lhe garantiria que aquele senhor de muitas posses não jogaria o quadro no lixo assim que lhe desse na cabeça.

- Olha doutor Henrique; prefiro doar esse quadro para um museu onde todos possam vê-lo e quem sabe alguns

até cheguem a interpretar seu enigma do que vender a qualquer um que talvez não tenha nenhum objetivo mais nobre.

O homem pensou por alguns momentos como que se uma grande dúvida pairasse em sua mente. Depois de algum tempo, sentenciou:

- Para seu governo; vou lhe informar uma coisa que ninguém que aqui está sabe a meu respeito. Pertenço a uma sociedade hermética e secreta na qual seu quadro e, principalmente a sua história terão um valor inestimável em nossos trabalhos espirituais. Posso lhe garantir que será pendurado na parede lateral de nosso templo. E servirá de estímulo em nossa busca por Deus.

- Puxa, bom saber que o senhor é um homem espiritualizado. Posso saber qual a sua religião?

- Eu não disse religião. Disse sociedade secreta. E isso basta para você saber. Acho que já falei demais.

Carlos pediu um tempo para repensar a idéia de vender sua obra. Ponderado, o doutor Henrique deu o seu telefone e despediu-se do rapaz. Há alguns passos o homem parou, virou-se pra Carlos e disse em tom desafiador:

- E se eu lhe pagar uma quantia de dinheiro que lhe possa proporcionar a realização de seus sonhos?

- Aí a coisa muda de figura doutor e...

Carlos percebeu que não deveria continuar. O homem não se virou e continuou andando sem esperar a resposta, indo juntar-se ao resto dos presentes para admirar as demais pinturas em exposição.

Naquela noite o rapaz voltou para casa orgulhosíssimo de sua obra. Havia agradado alguns daqueles senhores de gosto exigente. Também havia passado a eles um pouco do seu conhecimento espiritual adquirido junto ao mestre José. E sentiu-se extremamente feliz pelo fato de poder mostrar aos outros o que havia aprendido. Sentiu na pele a alegria de dar. E viu que esta era melhor do que a alegria de receber. Exatamente como diziam as palavras que lera na Bíblia. Seu mestre o aguardava para saber o resultado de sua preleção. Não quis ir à amostra. Disse que não gostaria de ser identificado por algumas pessoas que lá estariam.

- Boa noite, meu filho! E a apresentação? Como foi? - perguntou o mestre curioso logo que o viu.

- Tudo bem.

- Só isso?

- Foi ótima. Recebi muitos elogios e até muitas propostas de compra.

- Eu já sabia que sua pintura iria despertar a atenção de pessoas sensíveis, como são todos os interessados pela arte – disse o mestre.

Em seguida o aprendiz contou-lhe todos os detalhes de sua apresentação. E falou também sobre suas dúvidas.

- O que o senhor acha? Devo vender o quadro? O homem parece disposto a pagar um bom preço. No final da conversa, vendo a minha resistência o homem chegou a perguntar se eu não seria capaz de trocar o quadro por uma quantia de dinheiro que representasse a realização de todos os meus sonhos. Será que ele seria capaz de pagar o preço que eu vi no sonho?

- Bobagem garoto. Acho que aí tem um pouco de exagero da parte dele. Pode tratar-se de um jogo de palavras para tentar convencê-lo de que tudo tem um preço, visto que se trata de um homem de negócios. Entretanto se ele oferecer

uma quantia que você ache justa, venda-o. Afinal; a idéia do quadro está na sua cabeça. O mesmo pode ser feito em outros termos. Melhor ainda; você pode criar outros quadros relacionados ao seu aprendizado. E lembre-se. O conhecimento que não é repartido é conhecimento perdido. Quanto ao conteúdo do sonho. Creio agora que seja absolutamente verídico. Você teve um sonho premonitório. No entanto; a riqueza nem sempre precisa ser manifestada materialmente. As riquezas espirituais são melhores porque nem a traça nem a ferrugem corroem. Pense nisso. Se for para a sua pintura ficar no seu quarto apenas para satisfazer o seu ego é melhor que se venda por qualquer valor para alguém que consiga melhor utilizar-se dela para a glória de Deus. Quando você me disse que o Dr. Henrique tinha um destino especial para o quadro diante de sua irmandade percebi que o seu sonho era real.

- Ok Sr. José. Se ele mantiver o preço, venderei o quadro – disse o rapaz já com convicção.

O aprendiz acordou na manhã seguinte com dona Tereza batendo a sua porta, com um olhar de espanto.

- Carlos, tem um doutor lá embaixo querendo conversar com você antes que saia de casa. Pelo jeito trata-se

de um homem muito rico pois está acompanhado por mais três pessoas com aparência de serem homens de segurança. Corre lá para atender o homem.

Assustado o jovem preparou-se rapidamente enquanto pensava quem seria o visitante inesperado.

- Não pode ser o Dr. Henrique pois ele não pegou meu endereço.

Carlos estava enganado. Era o Dr. Henrique. E o homem parecia obstinado. Foi direto ao assunto, sem dar tempo para que o rapaz pudesse fazer a cortesia de anfitrião.

- Bom dia, meu jovem. Desculpe por estar lhe importunando logo cedo. O problema é que eu sou meio teimoso e gosto de resolver as coisas logo. Não gosto de pendências e antes de ir para o trabalho, resolvi passar para saber da tua decisão. Assim, seja ela sim ou não, prefiro que seja dada logo pois assim desocupo minha mente para outros assuntos. Pensou na minha proposta?

- Sim Dr. Henrique. Se o Senhor realmente estiver disposto a pagar o que me ofereceu eu vendo o quadro. – Sentenciou Carlos.

Após a combinação do preço, Carlos resolveu investigar qual a real intenção do Dr. Henrique quando perguntou se ele não trocaria o quadro por uma quantia de dinheiro que simbolizasse a realização de seus sonhos.

- Já que o negócio está fechado, vou fazer uma pergunta um tanto indiscreta.

Pode falar, meu jovem.

- O senhor realmente pagaria qualquer preço que eu pedisse pelo quadro, conforme tentou sugerir ontem à noite?

O Dr. Henrique riu.

- Meu amigo, sou um homem de negócios e tenho também uma boa experiência no ramo da arte. O que paguei pelo seu quadro é um valor mais do que justo. Não ofereceria um único centavo a mais se percebesse que você estivesse querendo se aproveitar do meu interesse. Aliás, o que eu mais valorizei quando ofereci esta quantia elevada pelo seu quadro, foi pela sua vivência. Usarei o quadro apenas para tornar sempre presente e viva a sua experiência para que eu e meus amigos possamos aprender com ele. E note que esta parte você me passou de graça. Mesmo se eu não ficasse com o

quadro; levaria sua experiência muito edificadora e não lhe pagaria um único centavo por isso, não é mesmo.

- Bem, isso é verdade doutor.

- Então, esteja ciente de que sua pintura tem um certo valor artístico. Entretanto, como a verdade deve ser dita, saiba que noventa por cento do valor que eu ofereci pela pintura foi por essa parte que não se vê. Sua vivência e seu crescimento espiritual. Para finalizar, se não estiver lhe pedindo demais, gostaria de convidá-lo a participar de um almoço especial na minha casa que pretendo realizar no próximo domingo pela manhã. Nele, preciso que você apresente o quadro para os meus irmãos espirituais. Isso não faz parte do trato. No entanto, ficaria muito feliz se pudesse apresentar sua arte e seu crescimento espiritual por suas próprias palavras aos meus amigos.

- Puxa Doutor Faria isso com muito prazer.

- Vamos esperá-lo no Domingo então, meu amigo. Fique com o quadro até lá.

- Mas Dr. Henrique; O senhor já me pagou. Então pegue de volta o cheque e no domingo o senhor me devolve.

- Ora meu amigo Carlos. No mundo dos negócios conheço muita gente em que não sou capaz de confiar um único centavo. Entretanto, já tenho experiência o bastante para separar o joio do trigo. Confio em você. Não tenho a menor dúvida de que você é um cumpridor de suas obrigações. Está escrito em sua fronte que você é um do rebanho. Espero-te no Domingo meu amigo. O Dr. Henrique despediu-se. Nesta hora Carlos lembrou-se das palavras do mestre José que disse:

- Lembrem-se destas palavras: Todos os seguidores do cordeiro estão marcados. Quem alcançar um bom grau de evolução espiritual conseguirá reconhecer tal marca. Isso demanda tempo e dedicação. Esta oração vos ajudará.

E, num ímpeto se viu a repetir sozinho a oração: “Senhor Jesus Cristo; dissestes aos vossos discípulos: eu vos deixo a paz; eu vos dou a minha paz. Não olheis os nossos pecados mas a fé que anima os vossos seguidores. Dai-nos segundo o vosso entendimento a paz e a unidade. Vós que sois Deus com o Pai e o Espírito Santo. Amém!”

Imperceptivelmente havia começado a desenvolver o terceiro olho. Intuitivamente percebera que o doutor

Henrique era uma ovelha do rebanho. Venderia o quadro ao homem. Algo lhe dava a certeza de que o mesmo estaria em boas mãos.

Estava ainda meditando estas coisas quando mestre José surgia à sua frente, visto que havia dormido na pensão naquela noite.

- Bom dia Carlos.

- Bom dia senhor José.

Tomaram o café da manhã juntos, momento em que Carlos contou-lhe os detalhes do encontro matinal com doutor Henrique. Após, o jovem acompanhou-o até à estação rodoviária de Curitiba e de lá seguiu para mais um dia de trabalho no supermercado de seu Jonas. É claro que a primeira coisa que fez foi contar tudo o que acontecera ao seu patrão.

* * *

O aprendiz desde então era só entusiasmo. Sabia que sua vida financeira não mudaria muito com aquele dinheiro. Entretanto ficou feliz em saber que seu aprendizado poderia ajudar muitas pessoas. Não sabia a que grupo hermético aquele senhor pertencia, mas sua confiança no homem era algo sobrenatural. Aquele homem pertencia a um mundo muito diferente do dele. Aparentava possuir uma riqueza e uma cultura imensa e, ao mesmo tempo, parecia ser uma pessoa que procurava trilhar o caminho do bem. Sua intuição lhe dizia que seu quadro estaria em boas mãos. E que seria de bom proveito para aquele senhor e seus amigos. Assim Carlos passou o resto da semana apenas contemplando o quadro antes de entregá-lo ao seu novo proprietário.

No Sábado resolveu não sair à noite. Jantou mais cedo do que de costume e imediatamente subiu ao quarto para contemplar sua criação pelos últimos momentos noite em seu poder. Sentou-se à beira da cama e como que num misto de saudosismo e felicidade passou boa parte da noite olhando para sua pintura e com a imaginação viajando por sua

vivência no meio da mata. Na realidade, o valor inestimável do quadro era uma coisa pessoal – pensava – já que o mesmo simbolizava a maior conquista a que um ser humano possa almejar: a felicidade pessoal. Para as demais pessoas poderia não valer mais que alguns míseros reais, para outros nada. Entretanto era fato consumado que agora ele olhava para o quadro pela última vez. Aquele desconhecido misterioso o havia convencido a dispor-se do mesmo. Envolto nestes pensamentos, com os olhos fixos no quadro, sua imaginação voou ao passado para o tempo em que buscava a felicidade constantemente no mundo sem nunca tê-la encontrado, pois ninguém o havia ensinado que a felicidade devia ser buscada e encontrada dentro de si mesmo. Só agora ele compreendia que independente das condições externas a que um homem possa ser submetido, ele pode encontrar a felicidade e a alegria de viver. Como o maior dos sábios já havia ensinado há mais de dois mil anos atrás, o reino de Deus é dos simples e dos humildes, assim, também suas benesses estão aí ao alcance de todos e não podem ser compradas ou buscadas fora de si mesmos. Quem encontra dentro de si a felicidade que vem do alto, pode viver em plenitude, mesmo que esteja exteriormente trancafiado nas grades de uma prisão, numa favela, no meio de uma floresta ou num hotel cinco estrelas. É

difícil ao homem mediano chegar a essa conclusão Agora ele compreendia isso e sabia que essa compreensão por outro lado não suprimia seus sonhos de evolução, de voar cada vez mais alto, mas sabia que isso agora poderia ser buscado de uma maneira mais serena e tranqüila. Finalmente compreendia porque o Mestre dos mestres ensinou que se deve buscar primeiro o Reino de Deus e o mais viria por acréscimo, segundo a vontade do Pai. Pode ser agora, mas pode ser também daqui a muitos anos. Não se pode apressar os desígnios de Deus.

Envolvido por estas lembranças, sua mente foi trazendo de volta todas as experiências vividas nos últimos anos. Lembrou-se de quando partiu de sua cidadezinha natal em busca da realização dos seus sonhos. E das suas decepções diante das dificuldades da vida...

Depois vieram-lhe a mente as boas lembranças dos momentos junto à sua ex-namorada Patrícia (era a primeira vez que voltava a pensar nela com tamanha intensidade). Logo recordou-se da amarga decepção amorosa que sofrera com a garota. Isso o fez logo desviar a atenção para coisas mais amenas. Voltou a fixar-se no quadro e lembrou-se da história de vida de seu patrão contada em um momento

crucial de sua vida e como isso o havia ajudado a dar um novo sentido para sua vida. E, logo se envolveu nas agradáveis lembranças de sua aventura espiritual junto ao mestre José e os outros aprendizes na serra do mar. A vivência no meio da mata em contato com a natureza e as atividades e ensinamentos espirituais eram lembranças que lhe faziam o espírito levitar. Já eram altas horas da madrugada quando Carlos embalado por todas aquelas boas lembranças, adormeceu.

Naquela manhã de Domingo, Carlos acordou bem mais cedo que de costume. Leu um trecho do Novo Testamento, hábito já arraigado em sua rotina diária desde que voltou da serra do mar. Depois de barbear-se, desceu ligeiramente para tomar o café da manhã. Trocou algumas poucas palavras com dona Tereza e seguiu rumo a ponto de ônibus mais próximo da pensão com o quadro embrulhado em um papel.

No ônibus, lembrou-se da oração que mestre José havia ensinado para que os seguidores do cordeiro pudessem ser identificados entre si e a repetiu-a várias vezes mentalmente por uma grande extensão do percurso.

Por volta das dez horas da manhã o rapaz desembarcava em um ponto já bem próximo ao seu destino. O caminho ele trazia esboçado em um papel que o doutor Henrique havia desenhado à mão.

Andou cerca de uns quinhentos metros a pé admirando os belos edifícios que havia naquela região. Finalmente chegou ao local onde morava o doutor Henrique. Tratava-se de um condomínio fechado, habitado por alguns dos mais ilustres cidadãos curitibanos. Chegando ao enorme portão, foi recebido com um visível receio pelos seguranças do lugar. Quando disse o seu nome e seu destino os seguranças mudaram imediatamente seus semblantes.

- Doutor Carlos – disse um dos homens que se postavam mais atrás dos seguranças – o doutor Henrique o aguarda. Venha, vamos levá-lo até à sua casa. Carlos estranhou. Pela primeira vez na vida alguém o chamava de doutor.

Durante o trajeto, o jovem admirava a beleza arquitetônica e a imponência que as habitações do lugar demonstravam. Aquele era um lugar onde só moravam pessoas riquíssimas. Não existia nenhuma casa que pelos cálculos de Carlos fosse inferior a trezentos metros quadrados

só de construção. Os quintais, os jardins, as fachadas; pareciam os que ele via através dos filmes.

- Doutor Carlos; aqui mora o doutor Henrique. Entremos porque ele e seus amigos o aguardam.

Carlos olhou a fachada da mansão admirado. Era uma das maiores e mais bonitas do condomínio. O doutor Henrique tinha um refinado bom gosto.

Nesse instante sentiu um arrepio que percorreu-lhe a espinha e as dúvidas lhe invadiram a mente.

Lembrou-se de que quando pequeno seu pai contava a respeito de pessoas que participavam de sociedades secretas. E que segundo diziam: faziam pacto com o demônio para adquirirem fortuna e honrarias.

- Será que estou fazendo a coisa certa? Será que um homem mergulhado em tamanha riqueza pode servir a Deus e ao dinheiro ao mesmo tempo?

Estava ainda meditando nestas dúvidas quando o doutor Henrique veio ao seu encontro.

- Salve Carlos! Seja bem vindo à minha casa. Sinta-se entre amigos.

As dúvidas da cabeça de Carlos dissiparam-se imediatamente. Aquele homem tinha algo de especial que o diferenciava das pessoas comuns. Inspirava confiança. Carlos não sabia de onde vinha tanta presença de espírito.

O rapaz foi apresentado aos amigos do doutor que, a primeira vista lhe pareceram pessoas bastante cordiais e solícitas.

O anfitrião ofereceu a todos um finíssimo vinho e um brinde especial ao amigo novo que ele havia encontrado esta semana. Era Carlos. O rapaz ficou todo sem jeito sendo lisonjeado por aqueles figurões.

Um pouco mais tarde o jovem sentia-se mais à vontade. Conversou com diversas pessoas sobre os mais variados temas. Entretanto ninguém lhe perguntara nada sobre o quadro. Parecia que havia sido combinado não se tocar no assunto até a hora certa.

A esta altura o que mais interessava o rapaz era o que naturalmente atrai a todo jovem quando está em uma festa. Meninas. Não havia muitas por ali. Apenas cinco ou seis jovens moças. Entretanto uma delas já havia lhe chamado a atenção. E o olhar da garota demonstrava- lhe reciprocidade de interesse. Em pouco tempo estavam conversando

em um canto mais reservado do imenso salão de festas. Seu nome era Heloyse, sobrinha do doutor Henrique. Quando descobriu que ela era parente do homem ficou assustado e pensativo.

- Mais uma Patricinha pensava consigo mesmo. Isso não vai dar certo. Disfarçou falta de interesse por ela a partir de então. Afastou-se um pouco assustado, indo entrosar-se com outros grupinhos de bate papo. Entretanto seus olhares não paravam de se cruzar. O rapaz logo passou a fazer comparações entre ela e sua ex-namorada. Era uma jovem encantadora. Totalmente cabeça feita – pensava.

Pouco tempo depois já estavam juntos novamente. Conversaram longamente sobre os mais variados assuntos. Inconscientemente passaram a se isolar do grupo em um mundo absolutamente paralelo ao comum, típico prenúncio de que o cupido havia flechado-lhes. Só acordaram para o mundo real quando um garçom insistentemente os informava de que a refeição iria começar.

- Senhorita Heloyse! Senhorita Heloyse! O almoço está à mesa!

- Senhorita!

O quê? O que? Ah! Já estamos indo André.
Obrigada!

Sentaram-se um ao lado do outro. O doutor Henrique, nesse instante tomou a palavra e diz:

- Agradeçamos o alimento agora recebemos.

Todos inclinaram a cabeça e ficaram por algum tempo em estado de meditação. Carlos, sem saber como proceder rezou um Pai-nosso e uma Ave-maria enquanto esperava pela oração silenciosa dos demais.

Ao fim de algum tempo depois; o anfitrião da festa tomou novamente a palavra e sentenciou:

- Meus amigos; tomemos agora o alimento natural para que possamos satisfazer nossos desejos corporais. Depois disso; quando terminarmos a refeição iremos cuidar da alimentação espiritual. Hoje esse alimento espiritual será fornecido por nosso ilustre visitante; o jovem Carlos. Digo-vos que o menino tem muitos ensinamentos a nos passar e gostaria que todos lhe dessem atenção à sua preleção que fará mais tarde. Agora comamos e bebamos sem pressa!

Sem mais delongas os presentes começaram a refeição e em poucos minutos passaram a conversar sobre as

trivialidades da vida. Falavam de seus negócios, seu cotidiano. ...

Carlos nunca havia presenciado uma mesa magnífica como aquela. Havia determinados tipos de comida que ele nem sabia como comê-las. Era Ajudado por Heloyse, que se mostrava solícita e prestativa o tempo todo.

Cerca de uma hora e meia depois do início da refeição, quando já até os mais comilões se deram por satisfeitos o doutor Henrique mais uma vez interrompeu o tom da conversa informal que imperava entre os convidados.

- Meus amigos; chegou a hora de vocês conhecerem a história desse jovem. Conhecemos através de nossa peregrinação muitas formas de o homem expressar as grandes verdades espirituais. Primeiramente a Bíblia; Livro de vanguarda em nossos trabalhos. Conhecemos também a escrita simbólica das cartas de Tarot, os segredos do I Ching, além de inúmeros outros meios que a tradição de nossos antepassados nos legou através dos tempos para que possamos compreender os segredos do Pai Universal. Este jovem não está aqui à toa. Trouxe-o aqui porque ele mostrou-me uma maneira bastante peculiar e inusitada de demonstrar as verdades eternas. Seu conhecimento muito nos ajudará em

nossa caminhada espiritual. Trata-se de uma pintura que resume de fato a grandeza da iluminação espiritual. Atentemos à sua pintura e ao seu discurso.

Virou-se para a direção de Carlos e sentenciou:

- Meu jovem! A partir de agora a palavra será sua. Que o Senhor te ilumine em sua preleção!

Dizendo tais palavras acomodou-se aguardando a manifestação do jovem.

Carlos estremeceu. Chegou a sua hora de falar. E a ocasião exigia que ele fosse preciso e sábio em suas palavras. Olhou para aqueles homens e mulheres de todas as idades. Estava assustado. Entretanto; deveria fazer o que tinha que ser feito. O mestre o havia ensinado que devia cumprir a sua parte, sempre.

Foram mais de duas horas de conversa entre a explanação inicial a respeito da pintura até as perguntas curiosas sobre as peculiaridades de seu exílio de vinte e um dias no interior da floresta. Carlos procurou responder a todos com uma naturalidade admirável. Sentia-se agora entre amigos realmente. Sentia um forte laço de união transcendental entre ele e aqueles estranhos que acabara de

conhecer. Lembrou-se de quando o mestre falou a respeito do reconhecimento mútuo entre os seguidores do Rei...

* * *

SITE DO AUTOR:
www.acasadoaprendiz.com

O aprendiz permaneceu naquela mansão até o final do dia. Sentia-se já como se estivesse em casa. A afinidade que adquiriu com os presentes, entretanto, em nada se comparava ao sentimento que sentia com respeito a Heloyse. Pela primeira vez depois de muito tempo sentia-se novamente atraído por alguém. A reciprocidade de Heloyse era visível.

O aprendiz divertiu-se muito em companhia daquelas pessoas. Naquele lugar havia muitas áreas de lazer. Nadaram durante um bom tempo na piscina térmica da casa, jogaram voleibol, baralho, assistiram a um filme no cinema particular do doutor Henrique entre outras coisas que fizeram o tempo passar despercebido.

Já eram quase cinco horas da tarde. Muitos dos convidados já despediam. Carlos percebera que era chegada a hora de ir. Sabia que aquele seria um dia que ficaria marcado para sempre em sua vida. Seria o dia em que cumpriu o seu dever espiritual de passar sua experiência aos demais. Sabia que aquela semente que ele plantou no íntimo de cada um dos presentes não morreria ali. O que ele ainda não sabia ainda era que alguém havia plantado no fundo de

seu coração uma pequena semente que germina como uma praga quando encontra solo fértil: o amor. Procurava agora forças para eliminar essa pequena semente que germinava em seu coração pois pensava que seria mais um amor impossível. Afinal parecia predestinado a gostar de pessoas que não eram do seu mundo. Heloyse pertencia a um mundo de glamour assim como Patrícia. Não ia dar certo. Pensava assim porque não aprendera ainda que jamais poderia fugir das tramas do destino que a mão divina escreveu. Só percebeu que estaria intimamente ligado àquela garota no instante em que foi despedir-se dela. Um beijo inesperado, um brilho no olhar, já havia sentido aquilo antes. Meio sem graça, tentou disfarçar com uma mentira inventada para disfarçar o ato impensado.

- Tenho que ir logo senão perco o ônibus das cinco.

- Quando nos veremos de novo Carlos?

- Eu lhe telefono depois.

- Não lhe dei meu telefone.

- Caramba! É verdade! Qual é o número? – perguntou meio sem graça.

A garota deu-lho número de seu celular pessoal, cuidadosamente embrulhado em um pequeno papel, como se quisesse esconder algo que pudesse deixá-la envergonhada perante Carlos. E saiu imediatamente para o interior da casa.

O doutor Henrique que enxergava sempre mais longe já havia percebido algo.

- Carlos. Parece que você está querendo desencaminhar minha sobrinha rapaz?

- Claro que não doutor! É apenas amizade – falou constrangido

- Sei. Me engana que eu gosto.

O rapaz permaneceu calado sem saber o que dizer. Em um tom de seriedade o doutor Henrique dirigiu-se novamente a palavra dizendo:

- Antes que vá embora preciso falar contigo. Venha até meu escritório para falarmos a sós. É assunto sério rapaz.

Dúvidas e mais dúvidas passaram-se pela cabeça do jovem no trajeto entre o salão de festas e escritório residencial do doutor Henrique.

- Será que o homem viu-me beijando sua sobrinha?
Na certa vou levar uma advertência para aprender a me colocar em meu lugar – pensou o rapaz.

O doutor Henrique fez o percurso em silêncio como se estivesse a meditar nas palavras que teria de proferir ao jovem. Chegando ao enorme escritório, a primeira coisa que o doutor Henrique disse foi:

- Esse é um lugar em que ocorrem coisas boas e más ao extremo. Sempre que chamo alguém até aqui é para que seja efetivada uma admissão ou uma demissão de algum funcionário importante. Carlos não entendeu nada e ficou mais apreensivo ainda.

- Como assim? Não estou entendendo.

- Ora meu jovem. Não percebe que estou lhe convidando para fazer parte do nosso time de funcionários?

- Continuo não entendendo nada doutor - disse o rapaz já ofegante e extremamente apreensivo.

- É o seguinte. Estamos precisando de aprendizes a executivos que realmente tenham ambição e que desejem fazer nossa organização prosperar. O problema é que existe uma enorme dificuldade para encontrarmos no mercado

pessoas confiáveis. A maioria trapaceia em cima da gente. Entretanto percebi que você é uma destas pessoas especiais que todo empreendedor busca como agulha em um palheiro e não encontra porque a honestidade e a lealdade estão em extinção neste mundo. Você é uma destas pessoas que eu procuro. Não tem experiência nem formação adequada mas tem o que é mais importante. O resto me é fácil facultar-lhe porque são coisas que o dinheiro compra. Em tempo razoável de treinamento posso transformá-lo em um bom executivo. Apenas devo salientar que deverá começar pelos primeiros degraus. E que o salário inicial não é lá grande coisa. Entretanto se você for ambicioso e dedicar-se com afinco ao mundo dos negócios irá prosperar em pouco tempo. Vale lembrar também que tenho a astúcia de todo negociante. Se não houver progresso você será descartado imediatamente. Terá de corresponder às minhas expectativas. E então, aceita o desafio? Quer entrar para o nosso time?

- Claro que eu tenho sonhos de ambição. Entretanto jamais esperava que as coisas acontecessem de tal maneira. O senhor me deixou sem palavras.

- Esse é um dos segredos dos homens de negócio. Não perder as oportunidades. Não estou perdendo a

oportunidade visto que já o conheço o bastante para lhe confiar um posto de trabalho. Cabe a você decidir se aceita ou não a oportunidade que ora lhe dou.

- Me conhece há apenas uma semana doutor.

- Não lhe disse que o conheço há muito tempo. Disse-lhe que já o conheço o bastante. E então aceita a minha proposta garoto?

- Claro que sim doutor Henrique! Aceito! Não preciso nem de tempo para pensar. Preciso apenas resolver a minha situação com meu patrão no supermercado.

- Então lhe darei uma semana para que resolva a sua situação com o dono do supermercado em que trabalha. Não é lícito abandonar um emprego sem deixar todas as pendências em dia. Como parte dessa semana de preparação dar-lhe-ei uma oração que me foi passada por um mago dos negócios há muitos anos atrás e que utilizo até hoje em meu dia-a-dia. Tem me trazido boa sorte. É uma oração simples e desconhecida. Entretanto é muito poderosa. Peço que leia esta oração e medite nela todos os dias desta semana. Saiba que eu a repassei a poucas pessoas a quem tenho alta estima e consideração. É uma oração que dá resultados para quem entender seu sentido oculto.

- Pode deixar! Não irei decepcioná-lo doutor.

- Conscientize-se de que você está prestes a entrar em um mundo altamente competitivo. E será muito difícil servir a Deus e ao dinheiro ao mesmo tempo. Se você conseguir equilibrar esta balança tornar-se-á um homem realizado. Caso contrário; seria muito melhor que nunca tivesse me conhecido. Posso ser a sua benção ou a sua maldição. Lembre-se disso sempre que for tentado pelo sentimento de poder ilusório que o dinheiro provoca nas pessoas. Falando estas coisas o Dr. Henrique entregou ao jovem aprendiz um pequeno pedaço de papel onde escreveu a misteriosa oração a lápis. Ordenou a um de seus motoristas que o levassem até a pensão. E retirou-se para o interior da casa.

Durante o trajeto Carlos ficou curioso para ver as duas coisas: a oração do doutor Henrique e o telefone de Heloyse. Entretanto como estava ao lado do motorista resolveu ser mais displicente. Iria lê-los somente quando estivesse em seu quarto. O jovem estava radiante de felicidade diante da perspectiva de uma nova vida que a Mão Divina magicamente lhe trazia como um presente por sua dedicação. Sabia intuitivamente que tudo iria dar certo. Como disse o mestre José: bastava fazer a sua parte.

Chegando à pensão dirigiu-se imediatamente ao seu quarto tal era ansiedade em ler o conteúdo da oração. No papel amassado e escrito com letra de forma se lia:

“Senhor; fazei com que eu seja sempre diante de ti e daqueles que trazem o teu selo, nada mais que uma simples ovelha de seu rebanho. Entretanto perante os lobos; fazei com que eu adquira a aparência do tigre audacioso e voraz, para que assim parecendo, eu não seja devorado por eles”.

Era uma oração fabulosa. Específica para quem vive no mundo dos negócios. Carlos entendeu logo o seu significado visto tratar-se de um jovem com a espiritualidade já bem desenvolvida. Agora ele entendia como aquele homem conseguia servir a Deus e ao dinheiro ao mesmo tempo. Percebeu que isso era absolutamente possível.

Lembrou-se do outro papel. O número do telefone de Heloyse. Iria ver a letra para lembrar-se dela. Desenrolou-o cuidadosamente como se estivesse a acariciá-la. Quando abriu; uma surpresa: Abaixo do número do telefone ela havia desenhado uma figura: um coração flechado, símbolo dos apaixonados. Era a senha através da qual a menina abria-lhe o coração.

* * *

SITE DO AUTOR:
www.acasadoaprendiz.com

Epílogo

Daquele dia em diante a vida de Carlos foi paulatinamente transformando-se para melhor em todos os sentidos. Os encontros com Heloyse tornaram-se cada vez mais freqüentes. Em alguns meses de namoro, Heloyse já era sua companheira inseparável. A paixão inicial já havia se transformado em amor. Como era também altamente desenvolvida espiritualmente tudo tornava-se mais fácil para eles porque ambos seguiam a mesma trilha.

Na organização do doutor Henrique, começou executando serviços inferiores na escala de cargos. Entretanto; sua perspicácia nos trabalhos que executava e sua dedicação aos estudos, cursos e seminários que a organização oferecia fizeram com que, algum tempo depois, ele já estivesse galgando postos mais avançados.

E assim o jovem aprendiz foi evoluindo mais e mais até se tornar um alto executivo da organização do doutor Henrique. E cresceu além dos seus sonhos mais caros. Sobre a sua mesa de trabalho, entalhado em um pedaço de madeira

artisticamente trabalhado, lê-se uma frase incompleta, enigmaticamente interrompida por reticências:

“Somos todos aprendizes...”

FIM

Outros livros do autor:

<http://www.acasadoaprendiz.com/ebookline.htm>

Fale com o autor:

souaprendiz@hotmail.com

ou

smith09@gmail.com

SITE DO AUTOR:

www.acasadoaprendiz.com

This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.
This page will not be added after purchasing Win2PDF.